A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS JUNHO DE 1989

A LIAHONA

Junho de 1989 Volume 42 nº 6
PBMA8906PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, George P. Lee, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Seção Infantil: DeAnne Walker

Layout e Desenhos: M. Masato Kawasaki, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald, Jane Ann Kemp, Timothy Sheppard, Steven Dayton

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Leônidas Francisco da Silva

Capa: "A Viagem para o Oeste", de Harold J. Hopkinson. Os artigos desta edição compartilham o espírito pioneiro que vive tanto na lembrança quanto nos feitos dos Santos dos Últimos Dias de hoje.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **NCz$ 6,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **NCz$ 0,50**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: Ultraprint Impressora Ltda. - R. Bresser, 1224 - São Paulo SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The *A Liahona* is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East north Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POST MASTER: Send adress changes to *A Liahona* at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150 U.S.A.

ÍNDICE

2 **MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:**
PENSAR EM CRISTO Presidente Ezra Taft Benson

6 ELES PERTENCEM A TODOS NÓS Sydney Smith Reynolds

10 DADO GENEROSAMENTE Isaac C. Ferguson

18 BRIGHAM YOUNG — OS PRIMEIROS ANOS
Élder S. Dilworth Young

25 NOSSAS TEORIAS ESPIRITUAIS Teri Jenks

26 JAMAIS CONHECI MEU PAI Claude Bernard

28 LEVAR O EVANGELHO A SEU PRÓPRIO POVO
Marvin K. Gardner

36 **MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:**
"SEDE VÓS POIS PERFEITOS"

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

37 NOVAMENTE CAMPEÃ Kendra Kasl Phair

42 **MENSAGEM MÓRMON:** Comentários desagradáveis

43 **COMPARTILHAR COM OS JOVENS:**
MENSAGENS SOBRE LIDERANÇA

45 ONDE EU ESTARIA SEM A IGREJA?
Élder Russell C. Taylor

47 O CASACO VERMELHO Viva May Gammell Willcox

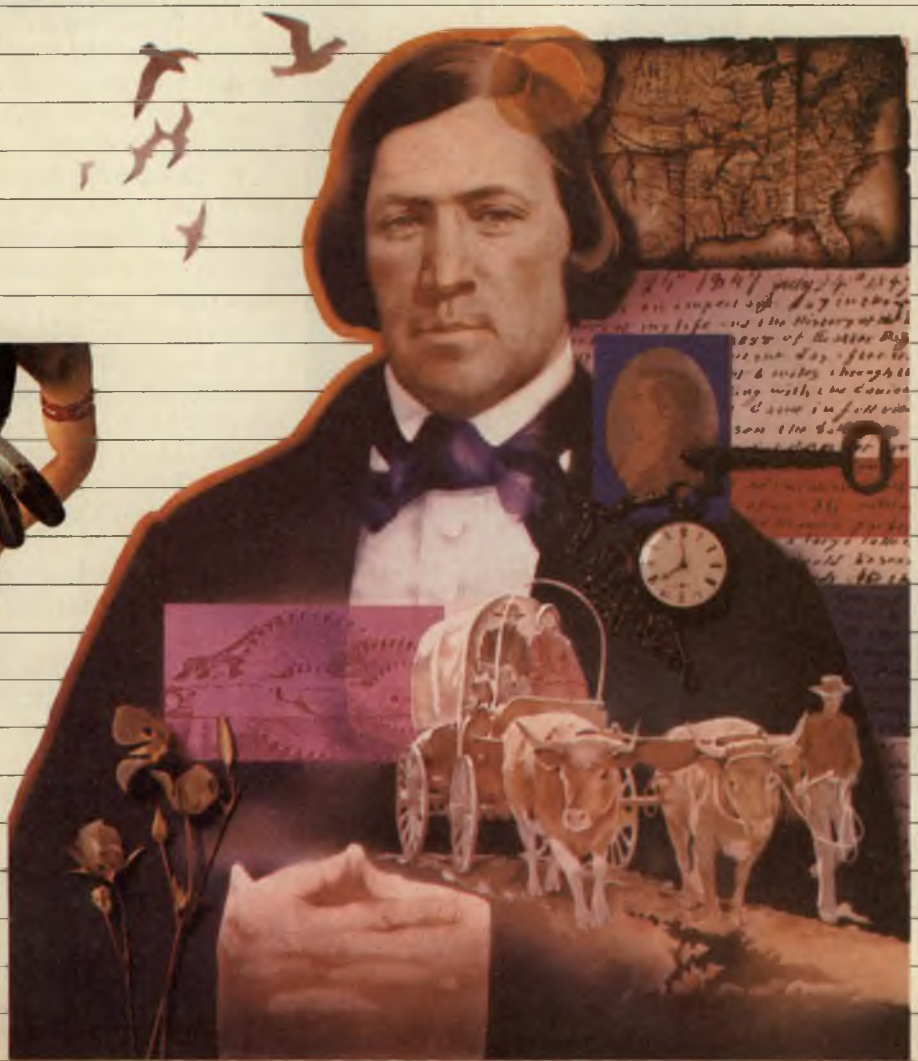
SEÇÃO INFANTIL

2 A NUVEM Christy Monson

5 DONS DO ESPÍRITO SANTO

6 **HERÓIS E HEROÍNAS:**
GREEN FLAKE — PIONEIRO NEGRO

8 **SÓ PARA DIVERTIR:**
QUEBRA-CABEÇAS PIONEIRO



Presidente Ezra Taft Benson

PENSAR EM CRISTO

O QUE O SALVADOR FARIA?

Quando o Presidente George Albert Smith era menino, teve uma experiência que mudou sua vida. Escreveu ele:

"Quando menino, com treze anos, freqüentei a Academia Brigham Young . . . Não consigo lembrar-me de muito do que foi dito durante o ano em que estive lá, mas há uma coisa que provavelmente nunca esquecerei . . . Dr. Karl G. Maeser, certo dia, pôs-se em pé e disse: — Vós não sereis apenas responsáveis pelas coisas que fazeis, mas também por todos vossos pensamentos.

Sendo ainda menino, sem o hábito de controlar bem meus pensamentos, fiquei confuso a respeito do que deveria fazer, e isso me preocupou. Cerca de uma semana ou dez dias mais tarde, entendi repentinamente o que ele queria dizer: Vós sereis responsáveis por vossos pensamentos, porque, quando vossa vida mortal terminar, ela terá sido a soma de vossos pensamentos. Essa idéia tem sido uma bênção durante toda minha vida, e me tem ajudado em muitas ocasiões a evitar pensamentos impróprios, porque compreendi que, quando minha vida terminar, eu serei o produto de meus pensamentos" (*Sharing the Gospel with Others;* Salt Lake City: Deseret Book, 1948, pp. 62-63).

Os Hábitos Formam o Caráter

Pensamentos levam a atos, atos levam a hábitos, hábitos formam o caráter — nosso caráter determinará nosso destino eterno.

O rei Benjamim entendeu este conceito. No penúltimo versículo de seu grande discurso registrado no Livro de Mórmon, ele afirma:

"E, finalmente, não vos posso descrever todas as coisas pelas quais podeis cometer pecado; pois que há vários modos e meios, tantos que não os posso enumerar" (Mosiah 4:29).

Então, no último versículo, ele aconselha que vigiemos a nós mesmos e a nossos pensamentos. (Vide Mosiah 4:30.)

Quando Cristo apareceu na América, após a ressurreição, afirmou:

"E eis que foi escrito pelos antigos: Não cometerás adultério.

Eu, porém, vos digo que todo aquele que olhar uma mulher para cobiçar, já em seu coração terá praticado adultério.

E eis que vos ordeno que não permitais que nenhuma dessas coisas entre em vosso coração" (3 Néfi 12:27-29).

Entre em vosso coração? É claro, pois diz a escritura: "Como imaginou na sua alma, assim é" (Provérbios 23:7).

"Vai-te Satanás", de Carl Heinrich Bloch. O original encontra-se na capela do Castelo Frederiksborg, Dinamarca. Usado com permissão do Frederiksborg Museum.

Aquilo Que Vos Abençoará

A mente pode ser comparada a um palco, no qual apenas um ato pode ser representado de cada vez. De um lado dos bastidores, o Senhor, que vos ama, está tentando colocar no palco de vossa mente aquilo que vos trará bênçãos. No outro lado dos bastidores, o demônio, que vos odeia, está tentando colocar no palco de vossa mente aquilo que vos trará desgraça.

Vós sois o diretor de cena — sois vós que decidis que pensamento ocupará o palco. Lembrai-vos, o Senhor quer que tenhais uma plenitude de felicidade como a dele. O demônio deseja que todos os homens sejam tão miseráveis como ele. Sois vós que decidis que pensamentos ireis aceitar. Sois livres para escolher — mas não sois livres para alterar os resultados dessas escolhas. Sereis aquilo em que pensardes — aquilo que constantemente permitis que ocupe o palco de vossa mente.

Às vezes podereis ter dificuldade para afastar do palco de vossa mente um determinado pensamento ruim. Para afastá-lo, o Élder Boyd K. Packer sugere, que canteis uma música inspirada de Sião, ou que apenas penseis em sua letra. O falecido Élder Bruce R. McConkie recomendava que, depois de estar com um hino em vossa mente, poderíeis pregar um sermão para vós mesmos. Na verdade, ele disse que os melhores sermões que pregava eram os dirigidos a si mesmo.

Não devemos convidar o demônio para uma apresentação cênica. Geralmente, quase sem que o percebamos, ele entra sorrateiramente em nossos pensamentos. Nossa responsabilidade começa com a maneira como lidamos com um pensamento ruim, imediatamente após a sua apresentação. Como Jesus, devemos acabar com a tentação de maneira positiva e rápida. Não devemos permitir que o demônio entre em pormenores com todo o seu racionalismo enganoso.

É nosso privilégio colocar em nossa memória pensamentos grandes e bons, e trazê-los para o palco de nossa mente de acordo com nossa vontade. Quando o Senhor enfrentou as três grandes tentações no deserto, imediatamente respondeu ao demônio com escrituras apropriadas que havia guardado na memória.

A Pergunta mais Importante da Vida

O Senhor disse: "Buscai-me em todo pensamento" (D&C 6:36). Buscar o Senhor em todo pensamento é a única maneira possível de virmos a ser o tipo de homens e mulheres que devemos ser.

O Senhor fez esta pergunta a seus discípulos: "Que classe de homens devereis ser?" Então, respondeu à sua própria pergunta, dizendo: "Como eu sou" (3 Néfi 27:27). Para nos tornarmos como ele, devemos tê-lo em nossa mente — constantemente em nosso pensamento. Todas as vezes que participamos do sacramento, prometemos "recordá-lo sempre" (Morôni 4:3, 5:2; D&C 20:77,79).

Se os pensamentos fazem de nós o que somos, e se devemos ser como Cristo, então temos de ter pensamentos cristãos.

Paulo, a caminho de Damasco para perseguir os santos, viu uma luz vinda dos céus e ouviu a voz do Senhor. Então Paulo fez uma pergunta simples — e a persistência nessa mesma pergunta mudou sua vida. "Senhor, que queres que faça?" (Atos 9:6.) A repetição contínua dessa mesma pergunta também pode mudar vossa vida. Não há pergunta mais importante que possais fazer neste mundo. "Senhor, que queres que eu faça?" Eu vos desafio a transformar essa pergunta na mais importante de vossa vida.

Somos responsáveis por nossos pensamentos e por aquilo em que pensamos. Nossos pensamentos devem estar no Senhor. Devemos pensar em Cristo.

Testifico-vos que não há desafio maior e mais emocionante do que tentar aprender com Cristo e seguir seus passos. Nosso modelo, Jesus Cristo, veio a esta terra para ser o "Exemplo". Ele é nosso Advogado para com o Pai. Ele realizou o grande sacrifício expiatório de modo que pudéssemos ter uma plenitude de alegria e ser exaltados de acordo com sua graça e nosso arrependimento e retidão. Ele fez todas as coisas de maneira perfeita e ordena que sejamos perfeitos como ele e o Pai o são. (Vide 3 Néfi 12:48.)

"O que Jesus faria?" ou "O que ele quer que eu faça?" são perguntas fundamentais nesta vida. Andar em seu caminho é a maior realização da existência. É mais verdadeiramente bem sucedido o homem ou

mulher cuja vida mais se assemelha à do Mestre.

Sei que o Senhor vive. Sei que ele nos ama. Sei que, sem ele, ninguém pode ter sucesso, mas, tendo-o como companheiro, ninguém pode falhar.

Sei que o Senhor pode fazer muito mais de nossa vida do que nós mesmos.

Que possamos todos ter a coragem moral, deste momento em diante, de nos esforçarmos mais a cada dia para pensarmos em Cristo, aprendermos com ele, seguirmos seus passos, e fazermos o que ele gostaria que fizéssemos, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos Que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los na mensagem de mestre familiar.

1. Não apenas temos responsabilidade pelas coisas que fazemos, mas também somos responsáveis por nossos próprios pensamentos.

2. Pensamentos levam a atos, atos levam a hábitos, hábitos formam o caráter — nosso caráter determinará nosso destino eterno.

3. O Senhor quer que tenhamos uma plenitude de felicidade, como ele tem. O demônio quer que todos os homens sejam tão miseráveis quanto ele é.

4. O Presidente Benson diz que não há pergunta mais importante que possamos fazer neste mundo do que esta: "Senhor, que queres que eu faça?"

SENHOR, QUE QUERES QUE EU FAÇA?

James Clark

Robert Oliver Shoop

Auxílios para o Debate

1. Fale de seus sentimentos a respeito de levarmos uma vida cristã, controlando nossos pensamentos.

2. Pergunte aos membros da família o que entendem a respeito de nossos pensamentos controlarem o que fazemos e o que podemos nos tornar na vida.

3. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?

4. Seria preferível abordar o assunto, depois de primeiro conversar com o chefe da casa, antes da visita? Há uma mensagem do bispo ou do líder do quorum?

TODAS AS VEZES QUE PARTICIPAMOS DO SACRAMENTO, PROMETEMOS RECORDÁ-LO SEMPRE.

5 Gary E. Smith

ELES PERTENCEM A TODOS NÓS

Sydney Smith Reynolds

"Carroções Pioneiros Cobertos", de Minerva Teichert; cortesia

Um dos escoceses, meu conhecido, chama-se José. Sua mãe é espanhola, mas ele é um verdadeiro escocês e membro da Igreja. Nasceu na Escócia e, durante a época em que nossa família morou lá, ele adorava mostrar-nos os castelos de sua terra natal. "Vocês não têm castelos em sua terra? É uma vergonha", costumava dizer.

Embora pertença à primeira geração de escoceses da família, ele conhece bem, os grandes vultos da história da Escócia, e sente como se eles fossem sua família. Seu cabelo escuro e crespo, olhos sonhadores e pele azeitonada não formam o retrato típico da maioria dos escoceses; no entanto, ninguém que o conheça duvida de sua devoção.

Como José, muitos membros da Igreja vivem em países diferentes de seus ancestrais. Para alguns, a mudança ocorreu uma ou duas gerações atrás; para outros,

Muitos conversos descobriram que filiar-se à Igreja significa "adotar" a herança pioneira da Igreja de sacrifício, coragem, comprometimento e perseverança.

passaram-se apenas algumas semanas ou meses, desde que começaram a vida em uma nova cultura. Embora muitos tenham mantido alguns de seus costumes e crenças nativas, é provável que também adotem alguns dos ideais e tradições de sua nova pátria. De modo semelhante, muitos conversos à Igreja descobriram que filiar-se a ela, significa "adotar" a herança pioneira da Igreja como parte da sua própria herança.

Embora mais da metade dos membros atuais da Igreja, não tenha ligação pessoal com os pioneiros que viajaram para Utah no século dezenove, poucos santos dos últimos dias negariam o fato de podermos aprender muito com eles. Eles nos dão inúmeras lições sobre como viver parcimoniosamente, fazer sacrifício pela edificação de Sião, e como espalhar beleza e paz por onde quer que vivamos. Com os pioneiros, podemos também aprender muito à respeito de sacrifício, coragem diante de grandes desafios, compromisso, cooperação e perseverança.

Os primeiros santos araram e cultivaram o solo enquanto atravessavam as planícies, semeando e capinando para irmãos e irmãs no evangelho que viriam após eles. Além disso, Brigham Young escolheu o local para o Templo de Lago Salgado uma semana após a chegada dos santos ao Vale do Lago Salgado. Mas a construção levou quarenta anos, e ele morreu muitos anos antes da dedicação do templo. Muitos operários e artesãos que trabalharam no templo devem ter pensado: "Espero viver para vê-lo terminado."

Construindo para a Eternidade

Mas tivessem ou não a possibilidade de desfrutar das bênçãos do templo que estavam construindo, eles sabiam que deveriam dar o melhor de si — que estavam construindo para a eternidade e para aqueles que viriam a abraçar o evangelho depois que eles se fossem. Eles estavam construindo para *nós*. Também nesse sentido a grande herança pioneira pertence a todos nós.

Para muitos, a história dos pioneiros não é apenas o fato de pessoas haverem migrado para Utah. Também é a história do evangelho e do crescimento do reino de Deus em todo o mundo. Muitos membros da Igreja são seus próprios "pioneiros" — os primeiros na família a aceitar o evangelho, ou alguns dos primeiros membros a ajudar a edificar a Igreja em uma determinada parte do mundo.

Outros, como Rose Thompson, que nasceu na Inglaterra, sentem uma afinidade com os pioneiros mórmons, apesar de seus ancestrais não estarem entre aqueles que emigraram para Utah. Rose lembra-se de ter ficado doente aos dez anos de idade, e de pensar na coragem dos pioneiros frente às dificuldades. "Eu imaginava o que poderia ter acontecido comigo, se tivesse sido uma pioneira atravessando as planícies, ao invés de estar em uma cama confortável com um médico perto de mim", diz ela. "Concluí que teria morrido no caminho. Dei graças por pertencer a esta geração e determinei-me a não desanimar diante de meus problemas, como os pioneiros não desanimaram diante dos seus."

Depois do casamento, Rose e seu marido mudaram-se para Edinburgo. Lá eles visitaram muitas vezes uma irmã idosa que havia servido como "pioneira" na Igreja durante muitos anos — tanto na Sociedade de Socorro como no programa das Moças. A mulher havia perdido o marido e dois filhos no mar.

Diz Rose: "Quando lhe perguntei como era a vida quando ela era jovem, e o que fazia na Igreja, apenas disse: — Fizemos o que precisava ser feito.

— Ela não tinha histórias para contar-me, mas falava de sua forte filosofia pioneira. Ao enfrentar situações novas e difíceis com meus filhos e com os chamados na Igreja, descobri que me ajudava muito lembrar: faça apenas o que precisa ser feito."

Tom Russell filiou-se à Igreja, depois de casar-se com uma mulher SUD. Ele sente-se de maneira muito semelhante a Rose em relação à sua herança pioneira "adotada". Embora não tenha ancestrais pioneiros, sua esposa tem. "A tetravó de minhas filhas criou onze filhos, enquanto arava a terra pela manhã, e lavava a roupa à tarde. À noite, fazia as contas e registrava as minutas das atas para a Academia Brigham Young", diz ele. "É um grande exemplo para mim, e quero que meus filhos saibam que, nesta fa-

Independente de nossa herança pessoal biológica, somos irmãos e irmãs no Evangelho de Jesus Cristo, e estamos juntos empenhados em sua obra. A herança pioneira pertence a todos nós.

mília, podemos encontrar força para enfrentar as dificuldades, se elas acontecerem conosco."

Jeff e Sherry Burger, que se filiaram à Igreja na América e atualmente são donos de um negócio na Europa, desfrutam do espírito pioneiro que sentem entre os santos europeus. Os Burger acham que os relatos a respeito da vida dos primeiros santos aumentam a fé. "Gosto de ler ou ouvir a respeito das experiências dos pioneiros", diz Jeff. "Sou muito tocado por suas provações e triunfos. Sinto que são *meus* ancestrais 'pioneiros', sejam parentes diretos ou não."

Uma Mudança para Melhor

Richard Van Hagen, atual presidente da Estaca Edinburgo Escócia, deve a sua filiação à Igreja, em parte, aos pioneiros. Ele ficou interessado na Igreja por causa de um programa de rádio. Certo dia, enquanto dirigia pelo campo, descobriu que o sinal do rádio do carro estava tão fraco, que não conseguia ouvi-lo. Mudou de estação até encontrar uma que pudesse ouvir melhor.

"O único programa que consegui ouvir com o som alto e claro era a respeito dos pioneiros mórmons", diz ele. "Senti-me absolutamente fascinado, e lembro-me de ficar sentado ouvindo, muito depois de ter chegado ao meu destino, incapaz de desligar o rádio e sair do carro." Antes de ouvir o programa, o irmão Van Hagen não conhecia nada a respeito da Igreja. Mas ficou impressionado com a fé e coragem dos primeiros santos. "Admirei sua determinação e senti grande respeito por eles", diz ele. Ele sente que não foi por acaso que ouviu o programa de rádio. "Algumas vezes me perguntei se ele realmente foi transmitido", diz ele. Poucas semanas depois, os missionários bateram à sua porta, ele aceitou a mensagem e filiou-se à Igreja.

Karem Reynolds, verdadeira descendente de pioneiros — que se estabeleceram em Utah e nas colônias do México, diz: "Lembro-me de ter participado das comemorações do Dia dos Pioneiros em 24 de julho, seguidas de representações teatrais sobre a viagem ao México. Nelas retratávamos os tempos antigos, juntamente, com histórias sobre a vida em cavernas às margens do rio", recorda ela. "Contudo, nunca imaginei o quanto aproveitaria o que meus pais me ensinaram — como trabalhar, conservar frutas, fazer pão, costurar, viver com o que se tem", diz ela.

Recentemente, o marido de Karen teve de deixar um emprego com um bom salário, para que eles pudessem estabelecer-se em outro local e ajudar na administração da fazenda da família, por causa da doença do sogro dela. "Não lamentamos nossa escolha, mas nossas aptidões pioneiras foram postas à prova", diz ela. "Fazer um orçamento cuidadoso e comprar com sabedoria tornou-se uma necessidade absoluta para nós, não apenas uma experiência decorrente de uma aula da Sociedade de Socorro sobre viver previdente."

"Viver com o que se tem" não é a única coisa que Karen aprendeu com aqueles pioneiros do século dezenove. No ano passado, ela e o marido perderam um bebê. "Pensei que meu coração fosse partir, quando o pusemos naquele túmulo frio", recorda ela. Dias depois, confinada à cama devido a problemas médicos, Karen ainda estava triste. Um membro da ala trouxe-lhe uma pilha de livros — inclusive um de histórias dos pioneiros. "Ao ler aquele livro, lembrei-me de quantas daquelas mulheres haviam deixado seus filhos em covas rasas pelo caminho. Meu bebê tem um caixão e uma lápide, e eu posso visitar o local. Não foi fácil, mas comecei a contar as bênçãos. Eles prosseguiram com fé, e eu posso fazê-lo também."

Também sou grata por minha herança pioneira. As histórias sobre minha própria família são uma fonte freqüente de inspiração, coragem e bênçãos. E ao ler a respeito dos primeiros santos, sinto como se conhecesse muitos deles. Creio que eles tinham uma compreensão da grande obra na qual estavam envolvidos, que não se limitava às montanhas que rodeavam os seus pequenos vales ou ao sangue de sua própria linhagem. Creio que eles podem solidarizar-se conosco, quando enfrentamos nossos problemas como pioneiros dos últimos dias.

Hoje, a Igreja é liderada por conversos de primeira geração dos quatro cantos do mundo, assim como por filhos e filhas de grandes famílias pioneiras. Mas, independente de nossa herança pessoal, somos irmãos e irmãs no Evangelho de Jesus Cristo, e estamos juntos empenhados em sua obra. A herança pioneira pertence a todos nós. □

Sydney Smith Reynolds, tetraneta do irmão de Joseph Smith, Hyrum, membro da Ala Orem Vinte e Três, Estaca Sharon Orem Utah.

DADO GENEROSAMENTE

Como as doações e ofertas especiais de jejum dos membros da Igreja estão ajudando os que passam necessidade.

Isaac C. Ferguson

As encostas das montanhas em terraços, e os vales de formas irregulares do norte da Etiópia, agora secos e cinzentos, contradizem o fato de que essa foi outrora uma terra verde e fértil. Um arbusto raro é tudo o que restou do mar verde onde os nômades, indo para o norte com a estação das chuvas, outrora pastoreavam seus rebanhos. A seca acabou com a terra para pastagens e matou os rebanhos, e os viajantes relutantemente trocaram a terra sem limites por pequenas fazendas ou pela ajuda do governo. Sem água, a esperança de prosperar, até mesmo de sobreviver, sofre erosão, junto com o precioso solo arável do país.

Mas em Geddobar, na província etíope de Wello, há esperança. Aqui, em um vale ameaçado pela seca, 560 quilômetros ao norte de Addis Abeba, a capital da Etiópia, situa-se um projeto de irrigação em pequena escala, iniciado pela Igreja. É apenas um dos projetos de serviço humanitário fundamentado nas doações dos membros da Igreja. (Vide nas histórias anexas maiores detalhes sobre outros projetos.)

Em 1985, duas cartas da Primeira Presidência conclamaram os membros da Igreja nos Estados Unidos e Canadá a participarem de jejuns especiais. Os fundos doados durante esses jejuns seriam "dedicados para uso das vítimas da fome, e de outras causas que resultam em escassez de alimentos e privação entre os povos da África, e possivelmente de algumas outras áreas". As cartas prometiam que "todos os fundos arrecadados . . . ajudarão os famintos e necessitados em áreas atingidas pelo sofrimento, independente da filiação ou não à Igreja". Em seu desejo de ajudar, os santos doaram quase 11 milhões de dólares.

Imediatamente após o primeiro jejum especial, em janeiro de 1985, os líderes da Igreja identificaram "organizações de integridade inquestionável" que a Igreja podia ajudar na distribuição de alimentos, barracas e suprimentos médicos para as vítimas que sofrem na Etiópia e nas nações africanas vizinhas. Durante o restante de 1985 e boa parte de 1986, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, os Serviços Católicos de Socorro, e a Cooperativa Americana para Socorro em Todo o Lugar (CARE) entregaram os suprimentos de socorro levantados pela Igreja.

Ajudar os Povos a Se Ajudarem

Embora o espírito da filosofia dos serviços de bem-estar da Igreja, seja de ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas, as Autoridades Gerais determinaram que uma certa quantia em dinheiro fosse destinada a projetos que promovessem auto-suficiência a longo prazo. Assim, uma parte das doações foi usada para vários projetos como aquele de Geddobar. Muitas dessas atividades, realizadas na Etiópia, Chade, Níger, Camarões, Nigéria e Gana concentraram-se no controle da água e no desenvolvimento agrícola como uma proteção contra secas futuras. O dinheiro do segundo jejum especial, realizado em novembro de 1985, está atualmente sendo empregado em proje-

DESENVOLVIMENTO DOS VÁDIS NO CHAD

Os vádis são leitos secos de rios ou áreas baixas do deserto, geralmente confundidos com os oásis. A água encontrada na superfície dessas áreas é geralmente salgada demais para o consumo humano ou animal, ou mesmo para irrigação, mas as regiões são férteis e a agricultura pode ser desenvolvida usando-se a água de poços rasos ("shadoofs") dentro dos vádis.

Até o presente, os vádis têm sido usados apenas nas estações "secas" do ano, por membros das tribos nômades que pastoreiam gado e ovelhas. Mas as grandes perdas dos rebanhos durante a seca estão forçando os chadianos a desenvolver o potencial dos vádis para a agricultura. Um vádi típico agora tem de ser a fonte de alimentação de trezentas ou quatrocentas pessoas.

A maneira tradicional de irrigar os vádis é tirar água do "shadoof" em um saco que retém apenas alguns litros. Como o método consome muito tempo e é ineficiente, a irrigação não tem sido muito empregada. No entanto, trabalhando com a CARE, a Igreja está usando fundos do serviço humanitário para desenvolver sistemas de água mais eficientes além de práticos. Como parte desse projeto, foi planejado um sistema maior para abertura de poços. Os camelos tiram sacos de oitenta litros de água do poço. Os sacos são despejados em uma tina, e então a água corre em um sistema de canais que irriga várias culturas, inclusive milho, batata, sorgo e pimenta.

As práticas de conservação também estão sendo iniciadas nos vádis. Tijolos de barro estão sendo usados para construir os "shadoofs", substituindo a madeira das tamareiras. As árvores servem como proteção do solo contra o vento e reduzem as possibilidades de que as areias do deserto entrem nos vádis. Eventualmente, a proteção contra o vento, para os vádis, e a madeira para a construção de "shadoofs" poderão vir de espécies de árvores resistentes à seca, que estão sendo desenvolvidas no local. □

A esquerda: Fazendeiros na Nigéria colhem milho de um campo protegido por uma fileira de árvores. A proteção das árvores contra o vento — parte de um projeto de reflorestamento patrocinado pela CARE e parcialmente financiado através de doações de membros da Igreja — ajudou os fazendeiros a estabilizar a erosão e aumentar a produção agrícola até trinta por cento. Foto por cortesia da CARE.

tos noutras áreas da África, assim como em outros continentes onde existe grande necessidade.

Sob a direção do Africare (uma organização de voluntários com sede em Washington D.C.), iniciou-se o trabalho em Geddobar, em meados de 1985, para controlar um curso d'água de uma corrente na montanha, alimentado por uma nascente, para oferecer irrigação para este vale de mil acres. O esforço foi iniciado pela Igreja em resposta à seca que houve na África em 1984-1985 e que deixou milhões de pessoas sem alimentos, resultando em centenas de milhares de mortes.

A conclusão do projeto de irrigação na Etiópia é a realização de um sonho, tanto para aqueles que doaram, como para cerca de 1.650 famílias de agricultores que trabalharam muito para ajudar a torná-lo uma realidade. Quando estiver terminado, esses fazendeiros terão contribuído com 200.000 homens-dia de trabalho para o projeto. O sacrifício é bastante comum; alguns trabalhadores andam de duas a três horas de seus lares, nas montanhas, para cumprirem um dia de trabalho de dez horas e meia, e depois voltam para casa andando novamente. Em média, o trabalhador contribui com cinco a oito dias de trabalho por mês para o projeto. Um sistema de troca de alimentos por trabalho oferece a cada trabalhador aproximadamente três quilos de grãos por um dia de trabalho.

Embora a alta tecnologia e equipamento moderno pudessem ter sido usados para diminuir o tempo de construção e atenuar o esforço humano, o projeto foi deliberadamente concebido para ser realizado pelos residentes, usando materiais e ferramentas do local. Isso permitiu que as pessoas ajudassem a si mesmas e se orgulhassem pelo produto final. Essa abordagem também ajudou a manter baixo o custo do projeto.

Como resultado, os fazendeiros do local abriram os quase vinte e quatro quilômetros de canais e fizeram a maior parte da preparação do local necessária para construir a barragem de desvio no rio. A tecnologia do sistema é simples o bastante para que a manutenção seja feita localmente pelos fazendeiros.

Independência por Toda a Vida

O governo etíope rapidamente percebeu a importância de ter água disponível durante todo o ano no vale, e usa o projeto como exemplo a ser seguido por outros grupos humanitários. Nas palavras de um líder do governo: "Este é um projeto muito importante, e queremos que outros o imitem. Ele dá independência para essas pessoas por toda a vida - eles podem dobrar ou triplicar sua produção. É uma experiência de sucesso para nós - tecnologia de baixo custo, usando o trabalho das próprias pessoas do local."

O Ministério da Agricultura da Etiópia mostrou sua confiança no projeto, fornecendo fundos para abrir uma cooperativa de laticínios nas proximidades. Um pequeno rebanho leiteiro já foi estabelecido. Os fazendeiros também estão entusiasmados. Mesmo antes de o sistema ser terminado, uma vala provisória foi aberta para fornecer água a uma área de dezesseis hectares de terra. Os fazendeiros fizeram plantações de mamoeiros, goiabeiras e bananeiras, e prepararam a terra para uma variedade de legumes. Não se correria esse risco antes, com receio de insuficiência de água durante a época de cultivo.

O Élder Alexander B. Morrison, do Primeiro Conselho dos Setenta e membro da Presidência de Área para o Reino Unido–África–Irlanda, diz o seguinte, a respeito do projeto: "Em essência, o que o projeto faz é ajudar a assegurar o futuro, no que diz respeito a alimentos, para dez mil pessoas em três vilas. Eles e seus filhos, e os filhos de seus filhos terão os meios, venha a quantidade de chuva que vier, para cultivar o alimento de que necessitam, em maior quantidade e variedade do que nunca." Levando em consideração o fato de que a comunidade mundial pediu novamente contribuições maciças em alimentos neste ano, o significado dos esforços da Igreja para fornecer água durante todo o ano e por muito tempo para essas comunidades é ainda maior.

Em Tempos de Crise

Embora os jejuns feitos por toda a Igreja em 1985 fossem um novo meio de ajuda aos necessitados, a Igreja sempre auxiliou as pessoas em tempos de crise. Após a Segunda Guerra Mundial, toneladas de alimentos, roupas e medicamentos foram enviadas para cidadãos da Europa destruída pela guerra, sendo que apenas parte deles eram membros da Igreja. Em

Um dos projetos patrocinados pela Fundação Andina para Crianças é o desenvolvimento de lagos e peixes. Os moradores da vila cavam um lago - alimentado por uma fonte de água doce — e o forram com pedras, cultivando, depois, peixes no lago. Isto fornece ao povo uma fonte de proteínas, assim como um produto potencialmente comerciável. À direita: Depois de verem os lagos de peixe na vila de Sora Sora, os residentes de uma comunidade vizinha, Sipe Sipe, cavaram seus próprios lagos, encheram-nos de água e depois procuraram a fundação, pedindo conselhos técnicos e peixes. Foto de Isaac C. Ferguson.

Abaixo: Residentes da vila discutem as necessidades da comunidade e projetos futuros para atendê-las. Foto por cortesia da Fundação Andina para Crianças.

DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES NAS MONTANHAS DA BOLÍVIA

A Igreja recentemente juntou-se à Fundação Andina para Crianças, a fim de ajudar os habitantes das montanhas da Bolívia a melhorarem suas comunidades. Neste projeto, especialistas em desenvolvimento reúnem-se com os líderes da comunidade, para determinar as necessidades de seus povoados. Os especialistas, então, auxiliam os líderes a organizarem projetos para atender a essas necessidades. Além disso, a Fundação Andina para Crianças ajuda a obter os recursos necessários para executar os projetos.

Este processo ensina os habitantes a pensarem em suas necessidades e a trabalharem juntos para melhorarem suas comunidades. Também lhes dá um sentimento de realização e confiança em sua capacidade para fazer futuras melhorias.

Por exemplo, os líderes da pequena vila Sora Sora queriam desenvolver métodos agrícolas, de modo que pudessem ter mais safras. A fundação ajudou o povo a elaborar um plano de baixo custo para abrir poços, construir moinhos para bombear água, construir tanques para armazenar a água, abrir canais para irrigar as plantações, e construir estufas para o cultivo de legumes que não conseguem sobreviver ao frio dos altos Andes. Os habitantes dessa vila construíram o sistema e agora o mantêm sozinhos. Vendo o sucesso do projeto comunitário, as pessoas estão começando a adaptá-lo às suas próprias fazendas.

A construção de escolas, o treinamento dos técnicos em saúde comunitária, e o desenvolvimento de novas fontes de alimentos são alguns dos outros projetos que as aldeias estão desenvolvendo agora com a ajuda da fundação. □

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS REFUGIADOS ASIÁTICOS

Desde 1975, milhares de refugiados asiáticos chegaram aos Estados Unidos para reconstruir sua vida. Mas o desafio da língua, as diferenças culturais, e habilidades profissionais incompatíveis deixaram uma alta porcentagem dessas pessoas desempregadas ou com sub-empregos.

Trabalhando com a Presidência de Área América do Norte Oeste e com a equipe dos Serviços de Bem-estar na Califórnia, a Igreja está ajudando os refugiados asiáticos SUD — e seus amigos não-membros — a desenvolverem habilidades lingüísticas e profissionais e a encontrarem um emprego adequado. Voluntários de estacas locais dão seminários de orientação, aulas de inglês e de habilidades profissionais como serviços de hotelaria, colocação de carpetes e operação básica de computadores. Os voluntários também ensinam os refugiados a respeito de entrevistas para emprego, modelos aceitáveis de vestuário e saúde, e padrões de trabalho norte-americanos.

As estacas que participam do projeto trabalham em conjunto com o sistema de empregos da Igreja, para ajudar a identificar empregadores em potencial e também possibilidades de treinamento em grupo. □

A esquerda: Fazendeiros na Níger colhem milho de um campo protegido por uma fileira de árvores. A proteção das árvores contra o vento — parte de um projeto de reflorestamento patrocinado pela CARE e parcialmente financiado através de doações de membros da Igreja — ajudou os fazendeiros a estabilizar a erosão e aumentar a produção agrícola até trinta por cento. Foto por cortesia da CARE.

À direita: No Vale Majia, na Níger, árvores em terras agrícolas — plantadas de duas em duas, em fileiras separadas por cerca de 100 metros — protegem as plantações e conservam o solo, reduzindo a erosão pelo vento. Foto por cortesia da CARE.

Abaixo: As árvores são podadas em rodízio, para fornecimento de madeira para construção e combustível. Os trabalhadores cortam os galhos de uma de cada par de árvores adultas, deixando um tronco de 2,5m a 2,7m, para produzir novos ramos. Quando os ramos novos crescem o suficiente para uma nova colheita, Os galhos da outra árvore são cortados do par. Foto de Isaac C. Ferguson.

AGROSILVICULTURA NO NÍGER

Níger, um país no cinturão abaixo do Sahara, na África, tem problemas terríveis de fome e seca. A terra pode ser cultivada, mas o vento varre uma boa parte do solo arável.

Sob a direção da CARE, os fundos levantados com as contribuições dos membros da Igreja, em um jejum especial em 1985, foram usados para ajudar a iniciar viveiros no Vale Majia, na parte ocidental do Níger. Aqui os habitantes da vila cultivam mudas de árvores, para formar quebra-ventos (cercas vivas). Quando as mudas estão suficientemente grandes, elas são transportadas para as pequenas fazendas dos habitantes da vila para proteger as colheitas agrícolas, impedindo o vento de levar a terra preparada para o plantio. O projeto ajudou os fazendeiros da área a aumentarem a produção agrícola em até 30 por cento.

Essas atividades de agrosilvicultura estão sendo realizadas em estreita cooperação com o Serviço Florestal Nigeriano, para assegurar a sua continuidade e sucesso duradouro. Este é um dos projetos específicos que alcançaram maior sucesso na região abaixo do Sahara, na África. □

1954, a Igreja juntou-se ao Projeto Iônico de Socorro das Igrejas Unidas em Utah, para ajudar os necessitados na Grécia, fornecendo a maior parte dos produtos doados dos armazéns do Programa de Bem-Estar. Em 1906, a Igreja enviou trigo dos celeiros da Sociedade de Socorro, para ajudar os chineses que estavam passando fome. Nos últimos vinte anos, a Igreja repetidamente ofereceu ajuda durante épocas de crise para pessoas em todo o mundo.

A admoestação do Senhor para que sua Igreja ajude os necessitados é clara: "Que as tuas entranhas também sejam cheias de caridade para com todos os homens" (D&C 121:45). O povo de Néfi, como está descrito no primeiro capítulo de Alma, estava vivendo esse princípio: "E eles repartiam o seu sustento, cada um de acordo com o que possuía, com os pobres e os necessitados, e os doentes e os aflitos . . . E assim, em seu estado de prosperidade, não deixavam ninguém despido, nem faminto, sedento ou doente, nem ninguém por alimentar-se . . . pertencesse ou não à Igreja, sem fazer distinção de pessoas, se estivessem necessitadas" (Alma 1:27, 30).

O sofrimento não tem fronteiras geográficas ou políticas. A assistência humanitária da Igreja é parte de nossa obrigação para com nosso próximo, não importa qual seja sua religião ou forma de governo. Falando sobre uma visita na Etiópia, o Bispo Glenn L. Pace, segundo conselheiro do Bispado Presidente, escreveu: "Nossas contribuições ajudaram todas as pessoas, independente da sua filiação política. Quando o Élder M. Russel Ballard (do Conselho dos Doze) e eu visitamos a área, não vimos comunistas, marxistas ou capitalistas, mas pessoas famintas, todos filhos e filhas de Deus." Quando olhamos para além da doação de coisas tangíveis, e consideramos o mandamento de compartilhar o evangelho com "todas as nações, famílias, línguas e povos" (vide Mosiah 15:28), percebemos mais claramente que o Evangelho de Jesus Cristo vai além das fronteiras estabelecidas pelo homem.

Tempo e Talentos Doados Voluntariamente

Falando de maneira geral, os projetos humanitários patrocinados pela Igreja limitam-se a: (1) emergências sérias que ameaçam vidas, como as causadas por desastres naturais e que requerem socorro imediato e direto, e (2) condições crônicas trazidas pela pobreza, saúde deficiente, e ambientes inseguros, que podem ser melhoradas pelo desenvolvimento da auto-iniciativa. O financiamento desses projetos pela Igreja limita-se aos recursos doados pelos membros para esse propósito.

A Igreja, enquanto organização, é limitada em seus meios para ajudar todos os necessitados. Mas os líderes incentivam os membros da Igreja a exercerem um papel ativo, como cidadãos em projetos humanitários dignos existentes em suas próprias comunidades. Além da doação de dinheiro e mercadorias onde for possível, eles podem dedicar voluntariamente seu tempo e talentos aos projetos. Muitos membros da Igreja querem doar suas habilidades, e as comunidades necessitam dos tipos de serviço que os membros da Igreja podem prestar. Além disso, as oportunidades de serviço estão desenvolvendo-se, à medida que a Igreja trabalha com orgãos competentes, para diminuir o sofrimento em todo o mundo.

Foi esse o caso ocorrido recentemente com o irmão Dewey Petersen e sua esposa, Patricia, que voluntariamente passaram vários meses na Nigéria, montando equipamento e treinando os residentes do local para a abertura de poços. Os Petersen, de Bountiful, Utah, foram voluntários do Africare em um projeto patrocinado pela Igreja. Organizações privadas, sem fins lucrativos, recebem bem os esforços voluntários dos membros da Igreja.

A Igreja nos deu o exemplo de como agir de maneira incondicional para prestar serviços caritativos. Temos o desafio, como membros da Igreja, de continuar a prestar serviços aos outros sem esperar nada em troca. Quando servimos e ajudamos outras pessoas espontaneamente, sentimos o espírito cristão do evangelho. □

Isaac C. Ferguson é membro da equipe dos Serviços de Bem-Estar e secretário executivo do Subcomitê para Serviços Humanitários da Igreja. É membro da Estaca Mueller Park Bountiful Utah.

Fazendeiros locais, em Geddobar, na província Wello, na Etiópia, cavam um canal — parte de um sistema de irrigação para seu vale de mil acres. A represa para desviar a água do rio para dentro dos canais, e estes, foram terminados por residentes, que trabalharam com ferramentas e materiais locais. Como o povo construiu o sistema, sabe como fazer a sua manutenção; eles também sentem orgulho de serem os autores do produto terminado.

Abaixo: A represa, quando pronta, fornece água para o vale durante o ano todo, permitindo que os fazendeiros plantem frutas e hortaliças que não podiam plantar antes. Fotos por cortesia de Isaac C. Ferguson.

BRIGHAM YOUNG

S. Dilworth Young Geralmente, quando falamos de Brigham Young, pensamos no homem que presidiu o crescimento da Igreja durante aproximadamente trinta anos, o homem que conduziu os santos ao Vale do Lago Salgado, e o homem que orientou o estabelecimento de muitas comunidades no sudeste. O que se segue é uma visão geral dos primeiros anos de Brigham Young, o converso, e das experiências que fizeram dele um grande líder.

Em 1800, o pai de Brigham, John Young, morava com sua esposa e oito filhos em Hopkinton, Massachusetts, quando recebeu uma carta de um primo de Whitingham, Vermont, falando-lhe a respeito de uma terra barata que ele poderia comprar e onde poderia estabelecer-se. No final daquele mesmo ano, John mudou-se com sua mulher e filhos para Whitingham, e lá, em 1º de junho de 1801, Brigham Young nasceu.

Em 1802, a família Young mudou-se para Sherburne, estado de Nova York, onde viveram durante quatro anos. Dois filhos mais nasceram, perfazendo o total de onze. Um deles, a filha Nabby, morreu.

A história da família, durante os anos seguintes, é um registro de constantes mudanças de um lugar para outro. Foi uma época em que os homens estavam tentando constantemente estabelecer novas fronteiras, e parecia sempre haver outros lugares melhores para conquistar. Por causa de sua inquietação, e também da necessidade financeira, John comprava um pedaço de terra, derrubava as árvores, limpava e tratava da terra, e depois mudava-se. Mas John não estava sozinho. Alguns de seus irmãos e irmãs, juntamente com as famílias, muitas vezes mudavam-se com ele, estabelecendo-se por pouco tempo, e depois começando tudo novamente.

A família de Brigham nunca teve muito dinheiro. Até mesmo sapatos eram considerados um luxo. Certo dia, por uma sorte muito grande, ele acabou possuindo um par de sapatos. Brigham estava acostumado a andar descalço, e, assim, os sapatos foram reservados para ocasiões especiais. Quando ia à Igreja, ele os levava na mão até chegar perto do local de reuniões. Calçava-os durante a reunião e os tirava logo que ela terminava.

A escolaridade formal de Brigham Young consistiu de onze dias de instrução com um mestre-escola itinerante. No entanto, sua mãe ensinou-o a ler; ele era um aluno inato e observador entusiástico dos acontecimentos e do mundo à sua volta. Quando Brigham tinha quatorze anos, sua mãe, Nabby Howe Young, morreu de tuberculose. Brigham então empregou-se como aprendiz do ofício de carpinteiro, marceneiro, pintor e vidraceiro — habilidades que se tornariam úteis nos anos seguintes, quando ele viria a construir cidades.

Início de Sua Própria Carreira

Em 1817, Brigham, com dezesseis anos, com a permissão de seu pai, começou a sustentar-se sozinho. Trabalhou muito, tornou-se um artesão perito e cuidadoso. Cadeiras que ele fez ainda existem. Mudou-se para Port Byron, esperando encontrar trabalho. Lá, conheceu e casou-se com Miriam Works, em 5 de outubro de 1824, e eles tiveram dois filhos. Nesse meio tempo, John Young e os irmãos e irmãs de Brigham estabeleceram-se em Mendon, Nova York. Eles continuavam a convidar Brigham a que se juntasse a eles, e, finalmente, em 1828, ele o fez. Lá conheceu Heber C. e Vilate Kimball, com quem fez uma amizade que durou a vida toda.

Em Mendon, o irmão de Brigham, Phineas Howe Young, um pregador metodista itinerante, parou por acaso na casa de um homem chamado Tomlinson, um dos membros de sua congregação. Um outro convidado era um jovem que disse a Phineas: —Senhor, tenho um livro que gostaria de que lesse.

—Oh—, disse Phineas, — do que se trata?

—Chama-se o Livro de Mórmon. É uma revelação de Deus.

Sabendo dos rumores que havia no local a respeito desse li-

Jerry Harston

OS PRIMEIROS ANOS

DEDICAÇÃO AOS PRINCÍPIOS DO EVANGELHO, LEALDADE AO SENHOR E DESEJO DE SERVIR, PREPARARAM O IRMÃO BRIGHAM PARA SER UM DOS GRANDES LÍDERES MODERNOS E UM PROFETA DE DEUS.

vro, Phineas disse: —Oh, a Bíblia de ouro?

—Algumas pessoas o chamam assim—, disse o jovem. —Gostaria de que o senhor lesse o depoimento das testemunhas.

Phineas leu o depoimento das 3 testemunhas que, com o poder de Deus, haviam visto as placas das quais o Livro de Mórmon fora traduzido, e ouvido a voz de Deus declarando que a tradução era correta. Ele leu a respeito dos oito homens que haviam visto e tocado as placas, e as descreviam como sendo antigas e de confecção curiosa.

Phineas comprou um exemplar do Livro de Mórmon, com a intenção de expor sua falsidade. Ao invés disso, depois de lê-lo, percebeu que era verdadeiro. Falou sobre ele com seu pai, com Brigham e com outras pessoas da família. Eles concordaram que havia verdade naquilo que leram.

Naquele verão, cinco jovens SUD visitaram a área para compartilhar seu conhecimento a respeito de Joseph Smith e do Livro de Mórmon. Phineas recebeu-os em sua casa, onde os Young e os Kimball foram ouvir os visitantes pregarem.

Uma Decisão Memorável

Após dois anos de pesquisas sobre a Igreja, Brigham foi batizado em um riacho que corria em um bosque

próximo. Era um dia muito frio de abril de 1832. Os que participaram da cerimônia, mal podiam enxergar por causa de uma forte nevasca. Sentado em um tronco, com as roupas molhadas congelando nele, Brigham foi confirmado membro da Igreja e ordenado élder. Mais tarde, disse: — Sentado lá, senti a doçura do Espírito Santo, testificando que meus pecados estavam perdoados. — Sua esposa Miriam foi batizada uma semana depois, poucos meses antes de sua morte, causada pela tuberculose. Depois da morte dela, Brigham e as duas filhas de Miriam, Elizabeth e Vilate, foram levadas para a casa de Heber e Vilate Kimball.

No outono de 1832, Brigham, seu irmão Joseph, e Heber C. Kimball viajaram 560 quilômetros até Kirtland, Ohio, para conhecer o Profeta Joseph. Quando Brigham e Joseph trocaram um aperto de mãos, Brigham disse a si mesmo: "Sei que ele é um profeta." Daquele dia em diante, dedicou sua vida a Joseph Smith e nunca perdeu a oportunidade de estar em sua presença.

De volta à sua casa em Mendon, Brigham e seu irmão Joseph partiram no final de novembro ou começo de dezembro, caminhando pela lama e pela neve, pelo frio e pelo vento, para pregar o evangelho. Encontraram muitas pessoas que foram receptivas à sua mensagem.

Logo que a primavera chegou, Brigham continuou sozinho, pregando o evangelho e convertendo pessoas. Foi para Loughborough, Canadá, onde ele e o irmão

haviam ensinado anteriormente, juntou um grupo de conversos e os conduziu por aproximadamente 960 quilômetros, até Kirtland. Depois voltou a pé para Mendon.

Naquele outono, em 1833, Brigham e o irmão Kimball venderam suas propriedades e mudaram-se para Kirtland, a fim de ficar com o Profeta. Quando chegaram em Kirtland, ficaram sabendo que muitos homens estavam indo para Cleveland, Ohio, durante o inverno, para ganhar dinheiro na cidade. Brigham disse: —Eu não vou. Vim para ficar com o Profeta e pretendo ficar. — Embora não houvesse muitas oportunidades de trabalho em Kirtland, ele fazia algum serviço de carpintaria de vez em quando.

Mas, estivesse fazendo o que fosse, Brigham costumava largar suas ferramentas para ouvir o Profeta, sempre que Joseph se dirigia a um grupo ou liderava um debate. Ele nunca perdia uma oportunidade de ouvir o Profeta falar.

Em 1834, Brigham casou-se com Mary Ann Angell. Ela criou as duas filhas de Brigham e teve mais seis filhos. Os dois meninos menores acabaram tornando-se Autoridades Gerais da Igreja. Brigham Jr. foi presidente do

Quorum dos Doze Apóstolos, e John W. foi primeiro conselheiro de seu pai.

Uma Época de Provação

Naquele mesmo ano (1834), os santos que se estavam estabelecendo no Condado de Jackson, Missouri, estavam sendo perseguidos pela multidão. O Profeta organizou a Marcha do Acampamento de Sião, um pequeno exército de 200 voluntários que foi ajudar os santos. Brigham e seu irmão juntaram-se ao grupo. Sem conseguir sucesso na tentativa de fazer com que o governo do Missouri apoiasse as reivindicações dos santos, o Profeta dispensou os voluntários e os enviou de volta a Kirtland. A longa e cansativa viagem, de aproximadamente 1.600 quilômetros, foi uma época de aprendizagem e teste de fé e obediência. Joseph Young posteriormente comentou que nunca havia passado por uma provação mais dura de sua fé.

Dedicado ao Profeta, Brigham saiu em sua defesa várias vezes. Mesmo quando se desenvolveu a apostasia na liderança da Igreja e houve oposição ao Profeta, Brigham, com outras Autoridades Gerais fiéis, mantiveram-se firmes. Várias vezes ele agiu no sentido de preservar a vida do Profeta contra a multidão apóstata, quando conspiravam para emboscar e matar Joseph.

Durante esses anos de provação, a futura liderança de Brigham na Igreja estava sendo desenvolvida. Por exemplo, quando os santos foram expulsos de Far West, Missouri, ele andou entre os irmãos pedindo-lhes que penhorassem tudo o que possuíam, —para que possamos levar conosco os santos que não podem continuar sozinhos, que não têm nada. Não queremos deixar para trás um membro da Igreja que deseje partir—. Para crédito daqueles homens, pobres como eram, eles empenharam seu dinheiro, seu gado, suas carroças — tudo o que possuíam em grupo — para ajudar os santos mais pobres.

Brigham não apenas organizou a ajuda, mas também deu o exemplo de serviço, levando um carroção com sua esposa, Vilate Kimball, e seus filhos até trinta quilômetros de Far West, em direção a Quincy, Illinois. Ele descarregou o carroção, armou uma tenda para as mulheres e crianças, cortou lenha suficiente para alguns dias, e depois levou o carroção de volta a Far West, para trazer uma outra família. Depois de deixar essa família acampada, ele levou a sua família e os Kimball mais trinta quilômetros adiante. Voltou para levar a segunda família pela mesma rota. Dessa maneira, levou a sua família e os Kimball, e também uma família que não tinha como partir sozinha. Coisas semelhantes foram feitas por outros irmãos, de modo que todos os santos pudes sem sair de Far West. Tendo sido chamados para servir uma missão na Inglaterra, Brigham e o irmão Kimball enfrentaram um problema. Eles haviam prometido ao Senhor que iriam para sua missão, partindo da pedra angular do Templo de Far West. Apesar das ameaças dos apóstatas contra sua vida, Brigham, Orson Pratt, John E. Page, John Taylor, Wilford Woodruff e George A. Smith voltaram ao local do Templo de Far West e, com um pequeno grupo de santos leais, realizaram um rápido serviço religioso. Os apóstolos então foram para Commerce (Nauvoo), Illinois, a fim de acomodar suas famílias e preparar-se para sua missão. Brigham conseguiu um lugar para sua família em um quartel do exército, do outro lado do Rio Mississipi, em Montrose.

Um Começo Doloroso de Missão

Quando chegou o momento de partirem, Brigham estava tão doente, que não podia ficar em pé. Sua

esposa, com uma criança recém-nascida, também estava doente, assim como seus outros filhos. Determinado a cumprir a promessa feita ao Senhor e servir uma missão, Brigham arrastou-se para fora da casa e cambaleou até um carroção. Depois de uma viagem dolorosa pela margem do rio e após atravessá-lo, ele deitou-se no chão por um longo tempo. Um cavaleiro passou e lhe ofereceu condução até a casa dos Kimball, onde ele encontrou Heber também doente. Os dois homens ficaram acamados por uma semana ou duas, mas, finalmente, determinaram que deveriam tratar dos assuntos do Senhor. Levantaram-se, providenciaram para que um carroção os levasse para fora da cidade, e despediram-se de suas esposas (Mary Ann havia atravessado o rio para ajudar a cuidar de Brigham). Enfraquecidos pela doença, os dois homens entraram no carroção e se deitaram. O irmão Kimball disse a Brigham: —Não vamos deixá-las dessa maneira.— Cambaleando, eles ficaram em pé, acenaram com o chapéu e gritaram: —Viva! Viva! Viva Sião!— e caíram no chão do carroção.

Nos meses seguintes, eles fizeram o caminho até Nova York. Brigham viajou em farrapos. A única maneira que teve de manter-se quente naquele inverno foi enrolar-se num velho acolchoado, amarrado com uma corda.

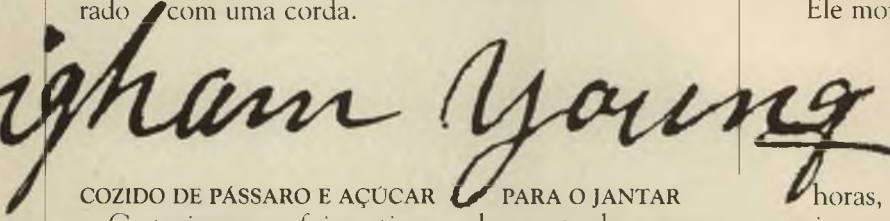
Por volta de fevereiro de 1840, eles estavam determinados a viajar por mar, mas não tinham dinheiro. Brigham apelou aos santos do lugar. —Chegamos até aqui sem dinheiro—, disse ele. —Agora temos de ir para a Inglaterra, e não podemos atravessar o oceano a nado.— Os membros arrecadaram dezenove dólares e meio para Brigham. A travessia do Atlântico custava dezenove dólares.

Em março, partiram para Liverpool, Inglaterra. A viagem de um mês foi terrível para Brigham; ele ficava enjoado a maior parte do tempo e não conseguia comer. Perdeu tanto peso, que seu primo, Willard Richards, que se encontrou com ele no cais de Liverpool, não conseguiu reconhecê-lo.

No ano seguinte, Brigham e seus companheiros fizeram um grande trabalho missionário na Grã-Bretanha. Eles mandaram imprimir 5.000 exemplares do Livro de Mórmon e 3.000 hinários, começaram a publicar a revista da Igreja, *The Millennial Star*, e trouxeram aproximadamente 8.000 pessoas para a Igreja.

A experiência que ganhou durante esse trabalho missionário preparou-o para ser o líder da Igreja, quando o Profeta foi martirizado. Como presidente, Brigham conduziu os santos ao Vale do Lago Salgado, e trouxe estabilidade e crescimento para a Igreja.

Ele morreu na Cidade do Lago Salgado em 29 de



COZIDO DE PÁSSARO E AÇÚCAR PARA O JANTAR

Certo inverno, foi particularmente duro para a família Young, e no início de março, eles se viram sem comida. John mandou seus dois filhos mais velhos, Phineas e Joseph, encontrar trabalho em qualquer lugar em troca de comida, milho, ou o que quer que fosse, e manteve Brigham e Lorenzo consigo na cabana.

John Young sangrou os bordos* (maples) de sua fazenda e ferveu a seiva para fazer açúcar de bordo. Quando, finalmente, chegaram ao final de seu suprimento de comida, ele disse a Brigham que iria trocar o açúcar por alimento. Disse ele: —Agora, fique aqui, Briggy, e amanhã de manhã, saia e trabalhe o dia inteiro cortando os arbustos e toda lenha que puder. E você, Lorenzo, empilhe-as. Vou levar toda a noite e o dia de amanhã para ir até lá e voltar, mas estarei de volta depois de amanhã.

Assim, bem cedo na manhã seguinte, com sapatos próprios para a neve, e deixando aproximadamente 300 gramas de açúcar para que os dois meninos comessem da melhor maneira possível, ele pegou sua carga e partiu.

Brigham e Lorenzo trabalharam o dia todo, como haviam prometido fazer, e por volta das quatro horas, foram para casa. Enquanto andavam, ouviram um pássaro cantar. Pararam e, por fim, localizaram a ave em um arbusto, a aproximadamente quarenta ou cinqüenta metros. Brigham disse a Lorenzo: —Agora, fique olhando. Eu vou correr e pegar a arma, e vamos ter alguma coisa para o jantar.— Assim, ele deu a volta até a cabana, pegou a arma e voltou correndo.

A arma devia pesar cerca de sete quilos, mas Brigham conseguiu fazer pontaria. Puxou o gatilho e atirou. Eles correram e pegaram o pássaro, tiraram as penas e o limparam, foram para a cabana, e colocaram o pássaro em uma panela no fogo com um pouco de água e começaram a cozinhá-lo. Eles viraram o barril de farinha e batendo no fundo, pegaram o que conseguiram e despejaram na panela, obtendo meia xícara de farinha. Engrossaram o cozido com ela e comeram cozido de pássaro e açúcar no jantar. Na noite seguinte, John voltou para casa, trazendo um pouco de milho em grão e carne de porco, e assim conseguiram sobreviver.

* *N do T: Árvore da família das aceráceas, nativa na América do Norte. Uma vez ferida, dela escorre uma seiva rica em açúcar, conhecida como açúcar de bordo (Maple Sugar).* □

agosto de 1877, de peritonite. Quando Brigham estava já morrendo, seus olhos pareceram fixar-se em alguém, no canto distante do teto do quarto. E ele disse: —Joseph! Joseph! Joseph!

A dedicação aos princípios do evangelho, na sua infância, preparou Brigham para ser um grande profeta e líder. Seu objetivo na vida era conhecer o desejo do Senhor e cumpri-lo. □

Este artigo é baseado em um discurso proferido na Universidade Brigham Young pelo Élder Young (1897–1981), bisneto do Presidente Brigham Young. O Élder Young era membro do Primeiro Quorum dos Setenta.

John Willard Clawson

Rob Colvin

NOSSAS TEORIAS ESPIRITUAIS

Teri Jenks

Discordar de minha irmã mais velha não era incomum para mim, quando tinha nove anos. Como acontece com muitos irmãos e irmãs, nossas divergências eram mais pelo desafio de ser o vencedor do que uma conseqüência do assunto da discussão.

Desta vez, porém, parecia importante para a minha confiança intelectual que estivesse certa. Estávamos discutindo sobre as nuvens do céu e a rotação da terra. Eu havia aprendido em minha aula de ciências que a terra gira em um movimento constante, de modo que eu simplesmente sabia não serem as nuvens que eu via, girando no céu, mas sim a terra, que girava abaixo delas.

Já que eu e minha irmã não podíamos chegar a um acordo, levamos o problema para nossa fonte de verdade: minha mãe. —Mãezinha, as nuvens se movem ou ficam em uma mesma posição, e a terra se move abaixo delas?— perguntamos em uníssono, cada qual ansiosa para que sua teoria fosse a correta.

Para alegria de minha irmã e meu desapontamento, minha mãe explicou que, embora a terra se movimente constantemente, as nuvens se movem à medida que o vento as sopra pelo céu. Meu conhecimento a respeito das leis terrenas era incompleto, e tive de alterar minha maneira de pensar. Havia mais coisas que precisava aprender.

Quinze anos depois, vi o quanto era tola minha idéia. Eu pensava poder basear todas as minhas observações do mundo físico no conhecimento parcial que tinha dele, e ser precisa nessas observações. Isto é, até que foram corrigidas por uma fonte com mais conhecimento.

Muitas vezes, no desenvolvimento de nossa vida espiritual, fazemos as mesmas observações prematuras por causa do conhecimento e compreensão parciais que temos do evangelho. Sentimos desespero por uma irmã que ficou paralítica em um acidente e tem uma família com crianças para criar. Dizemos que não há justiça no mundo, quando um motorista bêbado mata um homem inocente.

Com o tempo, ao aprendermos o propósito das provações e do sofrimento, testemunhamos o crescimento e a força que a irmã paralítica adquire com seu novo estilo de vida. Com o tempo, ao entendermos o plano de salvação, percebemos que, se o mundo estivesse livre dos atos errados, um Pai Celestial sábio estaria tirando o livre-arbítrio dado a seus filhos.

Como minhas teorias científicas incompletas, nossas teorias espirituais geralmente precisam de complementação e correção. O aumento de conhecimento e compreensão que buscamos será conseguido à medida que, com humildade e espírito de oração, consultarmos nossa fonte de verdade espiritual: o Pai Celestial.

"Minha graça vos atenderá, para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, . . . tanto nas coisas dos céus como da terra." (Vide D&C 88:78-79.) □

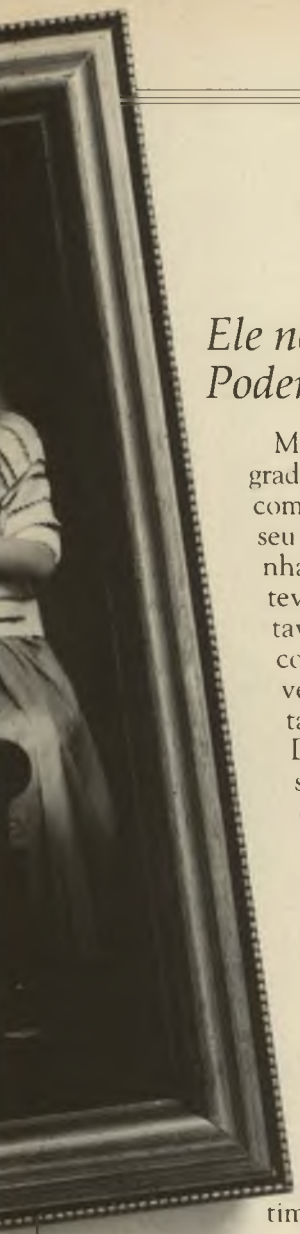
Craig Dimond

Claude Bernard

Posso dizer, com honestidade, que ralmente nunca tive um pai. Embora ele ainda esteja vivo, nunca tive a oportunidade de chegar a conhecê-lo.

A lembrança que tenho de meu pai limita-se à noite em que chegou em casa inesperadamente, depois de termos ficado algum tempo sem vê-lo, e a minha mãe chorando. Tudo o que realmente me lembro a respeito de meu pai é a sua ausência.

JAMAIS C



CONHECI MEU PAI

Ele nos deixara. Poderia perdoá-lo?

Meus sentimentos em relação a ele gradualmente se transformaram em completo conflito e aflição, quando seu comportamento fez com que minha mãe ficasse tão doente, que ela teve de ir para um hospital. Eu estava visitando-a um dia e tentando confortá-la, quando meu pai foi ver-me. Naquela ocasião, ele estava vivendo com outra mulher. De alguma forma reuni coragem suficiente para perguntar-lhe se consideraria voltar a viver com sua família. Ele apenas riu nervosamente e disse: — Não, é tarde demais.

Um enorme problema emocional surge em conseqüência da ausência de um pai. Embora minha mãe constantemente mostrasse seu amor a mim, não podia deixar de sentir-me traído.

Eu não podia viver para sempre com esse tipo de sentimento. A primeira mudança ocorreu quando me filiei à Igreja. Como membro, percebi que tinha de perdoar meu pai do fundo do meu coração. Mas ainda me sentia confuso. Entendi que poderia perdoá-lo, mas, do que exatamente eu devia perdoá-lo? Nunca o odiei nem lhe desejei nenhum mal. Mas ainda tinha raiva. Sentia pena dele e estava triste com as escolhas que ele havia feito. Minha mãe, embora não fosse membro da Igreja, pediu-me que o incluísse em minhas orações e rogasse que o Senhor pudesse cuidar dele. Eu não conseguia. Simplesmente não conseguia.

À medida que aprendia mais a respeito do evangelho, parecia que as coisas pioravam. Quando aprendi a respeito da importância do sacerdócio, das bênçãos que ele traz quando é exercido adequadamente com fé, isso me deixou triste. Por que eu não tinha um portador do sacerdócio responsável em minha família, a quem pudesse recorrer em momentos de dificuldades?

Mas uma mudança ainda estava em processo. Como membro da Igreja, comecei a ver o mundo e as pessoas que estão nele de uma perspectiva diferente. Afastei-me dos maus hábitos e tentei viver da maneira como o Senhor desejava que eu vivesse. Encontrei grande conforto na oração, pois eu finalmente percebi que tinha alguém a quem podia confiar todos os meus problemas, minhas alegrias e pequenos triunfos. Foi um sentimento que me dominou completamente, fez achar-me importante. Eu sabia que ele estava ouvindo.

Percebi que eu realmente tinha um Pai, que literalmente sou filho dele em espírito. Tocou meu coração saber que havia alguém que desejava ajudar-me, apoiar-me e incentivar-me. Recebi um grande dom — o sentimento de integração. Eu não estava sozinho. Sabia que o mundo estava literalmente cheio de meus irmãos e irmãs, todos tendo um pai comum. Às vezes eu olhava para as pessoas ao meu redor e pensava: Sei de uma coisa maravilhosa e tenho vontade de partilhá-la com vocês. Nós temos um parentesco.

O que o Senhor me deu foi força, paz e realização. Ele me fez ver por que um conceito como *perdão* é, na verdade, abrangente e poderoso. Pensar que o Senhor me havia perdoado por todos os meus pecados e transgressões no batismo! E pelo arrependimento sincero, eu ainda posso ser perdoado. Estava claro que não mereceria esse privilégio, se não perdoasse a meu pai do fundo do coração. Aprendi que, apesar de seus hábitos e de sua conduta, deveria honrá-lo e tentar encontrar uma forma de ajudá-lo, ao invés de condená-lo silenciosamente.

Foi uma luta longa e dura para mim, e não posso dizer que não sinta ainda falta da presença física de meu pai terreno. Mas sei que ele precisa de auxílio. E através de oração, trabalho e exemplo, algum dia talvez possa ajudá-lo a perceber realmente que ele também é um filho de Deus. □

LEVAR O EVANGELHO A SEU

PRÓPRIO POVO

Missionários nativos no México, América Central, e em todo mundo estão cumprindo uma visão profética. **Marvin K. Gardner**

O élder David Antonio Parada e o élder Sérgio Saavedra viram a esquina e começam a andar pela rua seguinte, num local movimentado de San Salvador. Crianças correm atrás umas das outras. Um cachorro está latindo. Mulheres e meninas passam com trouxas de comida, ou de roupa para lavar, na cabeça. O som de rádios sintonizados em diversas estações pode ser ouvido pelas janelas abertas, cada um tocando músicas com alegres ritmos latinos.

Assim que os élde-

Missionário e outras fotos pelo autor.

Élder David Antonio Parada, El Salvador, élder José Arcia, Panamá, e élder Sérgio Saavedra, México, são apenas três do exército cada vez maior de missionários locais em todo o mundo. Novos templos e centros de treinamento missionário ajudam a prepará-los para o trabalho, e a maioria deles tem o apoio e a bênção da família.

res chegam a casa vermelha, os *novios* (noivos) chegam de outra direção para o seu compromisso. Convidam os missionários a entrar na casa e arrumam as cadeiras em círculo. Depois da oração, a jovem desaparece em um outro cômodo e volta com seu exemplar do Livro de Mórmon.

—Vocês têm orado?— pergunta o élder Parada. A jovem faz um sinal afirmativo com a cabeça. — Vocês têm lido o Livro de Mórmon?— Sim, eles leram a designação em 3 Néfi 11. —ótimo! Continuem a ler e orar a respeito dele, e vocês saberão pelo poder do Espírito Santo que ele é verdadeiro.

A palestra é a respeito do plano de salvação. O élder Parada desmonta sua caneta esferográfica. — Nosso corpo é como a parte exterior desta caneta—, diz ele, —e nosso espírito é como a parte interna onde está a tinta.— Usando este auxílio visual simples, ele explica a morte e a ressurreição. Quando a jovem faz uma pergunta, o élder Parada responde com versículos de suas escrituras bem marcadas.

Depois é a vez de élder Saavedra ensinar. Os dois missionários parecem completamente à vontade aqui; nenhum deles é tolhido por dificuldades lingüísticas ou culturais. A mãe da jovem, que estava fora lavando roupa, entra e ouve parte da palestra. Lá fora, um galo começa a cantar, e algumas galinhas passam diante da porta aberta. A brisa sopra suavemente pela janela aberta e faz mover a cortina que serve como porta para o quarto dos fundos. O debate prossegue tranqüilamente. Quando os dois missionários se preparam para sair, a mãe sorri e se aproxima, para despedir-se com um aperto de mão. Ela diz que poderá ir à Igreja com os *novios* amanhã.

"Podemos Ser Auto-Suficientes"

O élder Parada (de El Salvador) e o élder Saavedra (do México) são dois dos milhares de missionários que estão atendendo a um chamado do Presidente Spencer W. Kimball, feito em 1974, para que os países "forneçam (seus) próprios missionários" e até mesmo forneçam, "muito mais missionários do que eles próprios (precisam)", de modo que possam ajudar em outras partes do mundo. ("Ide Por Todo o Mundo", *A Liahona*, novembro de 1974, p.5.) Desde essa época, muitas coisas aconteceram no México e na América Central, para que essa visão se cumprisse. Quando o Presidente Kimball fez o desafio em 1974, apenas 25 por cento dos missionários no México eram mexicanos; em 1988, 95 por cento eram nativos. Em El Salvador, 100 por cento dos missionários são da América Central; todos são *salvadorenos*, com exceção de seis missionários de países vizinhos.

As porcentagens não são altas assim em todas as áreas. Por exemplo, a Missão Costa Rica São José tem uma taxa de 50 por cento. —Eu gostaria de que tivéssemos 100 por cento de latinos—, diz o presidente da missão, Mervyn Arnold. —E algum dia, poderemos ter.—

No entanto, o padrão foi estabelecido, e a tendência está crescendo. Em 1987, mais de 1.300 homens e mulheres do México e da América Central entraram no campo missionário. Com o aumento do número de missionários nativos, o número de missões também aumentou. Em 1974, o México tinha apenas cinco missões; em 1988, tinha quatorze. E o número de batismos continua a crescer. Somente na Missão México Monterrey, os batismos chegaram a 475 em um mês de 1987. Os batismos de conversos no México e América Central atingiram 40.000 no ano passado.

Os missionários nativos apresentam algumas vantagens óbvias. Eles geralmente entendem melhor as pessoas, porque não há barreiras lingüísticas ou culturais. Em alguns casos, restrições legais ou políticas limitam o número de missionários norte-americanos que podem entrar em um determinado país. Em outros casos, os missionários latinos podem servir em lugares onde seria imprudente ou impossível enviar estrangeiros.

El Salvador é um bom exemplo. Em 1980, a missão foi fechada devido aos problemas políticos do país; os missionários, muitos dos Estados Unidos, foram designados para outros locais. A missão foi reaberta em 1984, mas sem missionários norte-americanos. Os élderes e missionárias locais servem lá sem problemas.

—Estamos vendo que podemos ser autosuficientes—, diz o presidente da missão, Franklin Henriquez, que também é salvadorenho. —As estacas locais estão mandando tudo o que precisamos no momento. Também temos salvadorenhos servindo na Guatemala, Honduras e Costa Rica.

Exemplos de Irmãos Pioneiros

Seu terno é completamente novo, assim como a camisa branca. O élder Enrique Hernandez está a caminho do aeroporto para o vôo de São José, Costa Rica, até o Centro de Treinamento Missionário (CTM), na cidade da Guatemala. Treze dias depois, ele voltará para a Costa Rica, a fim de cumprir sua missão.

Por que os missionários — e não a família do élder — estão levando-o para o aeroporto? —Meus pais não são membros da Igreja—, diz ele. —E são pobres demais para me acompanhar até o aeroporto. Acordei cada membro de minha família esta manhã e me despedi antes de sair.

Ele explica que seu pai, que tem sessenta e quatro anos e está desempregado, não queria que ele fosse. Apenas Enrique e sua irmã tinham emprego para sustentar a família de sete pessoas. Agora ele vai embora, e seu salário fará falta.

—Foi difícil deixá-los nesta manhã—, diz ele. —Fico imaginando como eles vão arranjar-se sem mim. Espero que o Senhor os abençoe.

Ele senta-se pensativamente, enquanto o furgão vai em direção ao aeroporto. —Sou fortalecido pelo exemplo dos irmãos pioneiros—, diz ele. —Eles deixaram suas famílias, muitas vezes em péssimas condições, para servir ao Senhor como missionários. Se puderam fazê-lo, eu também posso!

Novos missionários, como o élder Hernandez, chegam no CTM do México e da Guatemala a cada duas semanas. A maioria está interrompendo os estudos e o trabalho; Alguns desistem de bolsas de estudo ou de oportunidades profissionais. Alguns chegam com as bênçãos da família; outros não recebem nenhum apoio ou incentivo do lar. Muitos vêm de uma situação econômica muito humilde; embora os custos da missão estejam diminuindo, porque os membros estão oferecendo algumas refeições, ainda é uma dificuldade para a maioria dos missionários pagar até mesmo um terço das despesas mensais. E é comum que as famílias tenham mais de um filho cumprindo missão ao mesmo tempo.

Num grupo recente, os novos missionários eram em média membros da Igreja há apenas cinco anos. Apenas 15 por cento nasceram na Igreja; 25 por cento são membros há menos de dois anos. Cerca de 40 por cento têm pais que não são membros.

"Ele Pode Entrar em Portas nas Quais Não Podemos"

—Obrigado por me ajudar a consertar aquele cano de água.— O élder José Arcia ri. —Oh, irmã, não ajudamos tanto assim.— Durante sua última visita, o filho de oito anos dessa mulher havia quebrado um cano no jardim, provocando um grande vazamento de água que atingia a calçada. Depois de uma hora, com a ajuda de um membro da Igreja, eles o consertaram. Hoje, cada vez que o menino deixa de prestar atenção ao debate, o élder Arcia lhe faz perguntas simples e, brincando, o faz voltar ao assunto.

A mãe, que é separada do marido, está impressionada com a palestra. O élder Arcia e seu companheiro ensinam com sensibilidade, exortando-a a amar a Deus e a seus vizinhos, e a obedecer à lei da castidade e à Palavra de Sabedoria. —Daqui a vinte anos, depois que os missionários se forem, a senhora ainda obedecerá a essas leis?— pergunta ele.

—E claro que obedecerei— responde ela. Ela será batizada dentro de duas semanas.

Observando o élder Arcia ensinar, suporíamos que ele tem anos de experiência na Igreja. Na realidade, esse panamenho de vinte e quatro anos entrou no CTM apenas treze dias antes de completar um ano como membro da Igreja.

Posteriormente, um missionário norte-americano assistente do presidente da missão comenta a respeito do trabalho do élder Arcia, na Missão Costa Rica: —O presidente envia-o para áreas em que o trabalho não está indo bem. Onde quer que vá, o élder Arcia espalha entusiasmo, dá muitas palestras e faz batismos. Há algo nele que nós, estrangeiros, não temos. Ele pode entrar em portas nas quais não podemos!

Um Lugar Bonito para Trabalhar

Houve uma tempestade de granizo em Monterrey, México, na noite passada, e nesta manhã as ruas não pavimentadas transformaram-se em rios de lama. Sister Miriam Sosa e sister Laura Alcala estão envoltas em roupas e casacos de lã. (Não faz *sempre* sol aqui!) Os sapatos fortes que elas estão usando já andaram por ruas cheias de lama antes.

Acharíamos que as duas se conhecem desde que nasceram. Certamente, elas são muito amigas agora. Ambas têm um brilho de entusiasmo nos olhos e um espírito arrebatado quando falam. Ambas pertencem a uma terceira geração SUD. Os pais de ambas foram presidentes de estaca e os irmãos estão atualmente cumprindo missões.

Mais importante que tudo, elas estão repletas do espírito da obra missionária. Embora alguns possam dizer que é difícil dar quinze palestras por semana aqui, elas já deram, em mais de uma ocasião, mais de sessenta e cinco por semana.

—A consagração é o único caminho— diz sister Sosa. Sua humildade é genuína. —Colocamos absolutamente toda a nossa confiança no Senhor.

—E nós realmente amamos as pessoas que estamos ensinando— acrescenta sister Alcala. —Queremos partilhar o que temos com todas elas.

Durante o período de oito meses de sister Sosa no campo, ela teve cinqüenta e cinco batismos. Muitos são famílias completas e estão preparando-se para o templo. Elas terão mais dez batismos neste fim de semana.

Ao escorregar e resvalar pelas ruas cheias de lama nesta manhã, elas brincam a respeito de ficarem atoladas ou de caírem. Mas nada disso acontecerá; seus passos são rápidos e seguros. Elas batem à porta de uma pequena casa; os pais não estão em casa, mas o avô e três netas estão. Uma única lâmpada ilumina a sala. O avô, sem dentes, cego de uma vista e queixando-se de dor em um braço, tem muito a dizer — mas também ouve. A neta mais velha segura a mais nova no colo; ela e a irmã do meio ouvem com atenção, lêem as escrituras, e respondem às perguntas corretamente. No final, uma das jovens faz uma oração, e as missionárias partem, prometendo voltar quando os pais estiverem em casa.

Mais lama. Agora elas atravessam um campo, cantando: —Sou um Filho de Deus.— Na parada seguinte, elas ensinam outra palestra. Posteriormente, a mãe diz que sentiu-se bem durante a lição. —É o Espírito de Deus que presta testemunho a seu coração de que essas coisas são verdadeiras— diz sister Alcala. A família promete ir à Igreja no domingo.

De volta à rua, as missionárias expressam sua alegria. Ao dobrar uma outra esquina cheia de lama, sister Sosa exclama: —É um lugar tão bonito para se trabalhar!

"Ela Tem um Problema"

Sister Penaloza queria cumprir missão. Ano após ano, ela expressava seu desejo ao bispo, mas nunca recebeu um chamado. Finalmente, ela abordou os assistentes do presidente da missão e falou-lhes de sua situação. Eles conversaram com o presidente por telefone.

—Essa irmã quer cumprir uma missão, mas ela tem um problema.

—O que é?

—A idade. Ela tem 103 anos!

O presidente Enrique Moreno entrevistou-a e chamou-a para uma "missão de verão" de dois meses em Puebla, a aproximadamente duas horas da casa

Ao partilharem a mensagem do evangelho restaurado e trazerem famílias inteiras para a Igreja, os missionários fortalecem sua própria vida e a de entes amados. Por exemplo, enquanto sister Blanca Emilia Gramajo, de Quetzaltenango, Guatemala, à esquerda, servia missão em Costa Rica, seus pais batizaram-se na Igreja.

Abaixo: A idade não é barreira para os que desejam servir. Irmã Juanita Penaloza, México, foi chamada para fazer uma "missão de verão", embora estivesse com 103 anos de idade.

dela, com a companhia de irmãs capazes e fortes. Os membros da ala a amavam e estavam ansiosos para que ela ensinasse seus amigos. —Que bênção ela foi para a obra missionária— diz o presidente Moreno. — Que grande motivação ela foi tanto para os membros como para os missionários!

"Estou Feliz! Hasta Manana!"

Há um mês, na região de Monterrey, o élder Eduardo Lopez e seu companheiro, bateram na porta errada. Eles estavam procurando por uma outra pessoa, mas ficaram lá quando os Mendonza demonstraram interesse em sua mensagem. A irmã Mendonza admitiu que fora batizada dez anos antes, mas nunca se ativara, porque lhe faltava o apoio do marido. Agora o marido estava pronto para ouvir; ele e os dois filhos foram batizados.

Uma vizinha, a *senora* Hernandez, apareceu durante a palestra; ela, o marido e os dois filhos foram batizados. Uma outra vizinha, a *senora* Lopez, ouviu o que estava acontecendo; ela, seus cinco filhos e uma sobrinha foram batizados, e o marido está quase pronto para o batismo. Ao bater à porta errada, o élder Lopez e seu companheiro batizaram quatorze pessoas até agora — todas no prazo de um mês — e ainda batizaram outros.

Nesta manhã, menos de uma semana depois dos últimos batismos, os élderes estão visitando a família Hernandez. O irmão Hernandez senta-se no sofá com o braço em torno do ombro do élder Lopez. — Amamos esses missionários como se fossem nossos filhos— diz ele. Ele estava desempregado quando conheceu os élderes, mas eles oraram e jejuaram juntos, e na semana seguinte ele conseguiu um emprego em uma companhia de petróleo.

Enquanto falam, os membros das outras famílias entram, lotando a pequena sala de visitas. Ao se cumprimentarem com abraços e sorrisos, alguém começa a contar quantos foram batizados. Cada vez que uma outra pessoa entra na sala, uma exclamação surge: "Ele também foi batizado!" Eles brincam a respeito de batizar o resto dos vizinhos e falam sobre viajar juntos para o templo dentro de um ano.

O élder Lopez e companheiro raramente têm de bater de porta em porta. Eles cumprimentam as pessoas na rua e acabam dando uma palestra; vêem um homem lendo o jornal em frente à sua casa e logo lhe estão ensinando o evangelho; notam um homem lavando o carro e lhe falam sobre a Igreja; encontram uma mulher com o filho na casa de um membro menos ativo e ensinam-lhes o evangelho no mesmo instante. — Na semana passada, batizamos uma família, porque fizemos amizade com os filhos na rua. É muito mais fácil atingir os pais quando os filhos nos cumprimentam na porta, dizendo: —Olá, élder!

Quando chego em casa, à noite, estou exausto, e muitas das coisas que escrevo no diário são curtas. Escrevo algo mais ou menos assim: "Estou muito cansado. Hoje foi um dia excelente. Encontramos uma família de ouro. Demos doze palestras. Estou feliz."

"Aprendi na Minha Missão"

É tarde. A maior parte da capela está vazia, escura. Mas a luz no escritório da presidência da estaca ainda está acesa. O president Adolfo Ibarra, da estaca Monterry Morelos, tem apenas vinte e três anos de idade. Um dos conselheiros tem trinta e um; o outro, vinte e cinco. Todos são ex-missionários.

—Quais foram algumas das coisas que aprendeu em sua missão? —A conhecer melhor Jesus Cristo— responde o presidente Ibarra, —a servir, a amar, a atingir o coração das pessoas. — Ele também aprendeu técnicas de liderança.

—Quando fui chamado como líder de distrito, nunca havia feito uma entrevista antes; a primeira durou cerca de três horas!— sorri ele. —Mas aprendi depressa.

Adolfo Reyes, primeiro conselheiro, foi batizado quando tinha vinte anos; um ano depois, era missionário e serviu como líder de zona durante dezoito meses. —Em nossos chamados na estaca, estamos servindo a nossos semelhantes exatamente como fazíamos na missão— diz ele. —Nossas designações são um pouco diferentes agora, mas nosso tempo ainda é dedicado ao Senhor.

—Sou um converso— diz o segundo conselheiro,

Pablo Moreno. —Tudo o que sei sobre o Senhor e sobre a Igreja, aprendi na missão.

Vinte e um missionários desta estaca estão servindo atualmente. O presidente Ibarra tem visto as famílias dos missionários receberem grandes bênçãos: pais que não eram membros foram batizados; pais menos ativos voltaram à Igreja e foram ao templo; os irmãos e irmãs mais novos foram incentivados a sair em missão; as famílias foram abençoadas com mais união e melhor saúde. E a maioria dos ex-missionários se casaram no templo.

—Quando os missionários são desobrigados, imediatamente lhes damos um chamado— diz o presidente Ibarra. —Um mês depois que certa irmã voltou para casa, liberamos seu nome para ser conselheira na presidência da organização das Moças da estaca. Quando eu estava voltando do aeroporto para casa, depois de minha missão, descobri que era o novo secretário executivo da estaca!

—E eu fui chamado para o sumo conselho durante a entrevista em que fui desobrigado da missão!— diz o presidente Moreno. —Não houve tempo para descansar— ri ele. —Nunca há.

Virando a Esquina

O élder Parada e o élder Saavedra despedem-se dos *novios* e descem novamente a rua. —É bonito ver essa dupla de élderes andando juntos— comenta mais tarde o presidente de missão deles. O élder Parada vem de um ambiente extremamente humilde, é filho de um trabalhador do campo; seu companheiro júnior, o élder Saavedra, é filho do cônsul do México em El Salvador. Um trabalhou durante quatro anos nos campos para economisar dinheiro para sua missão; o outro deixou carros e aparelhos de som para trás. Agora formam uma equipe — humildes, confiantes, eloqüentes.

Eles atravessam uma ravina por uma ponte oscilante. Então, virando a esquina, começam a subir a rua seguinte em uma outra área de El Salvador. □

MAIS MISSIONÁRIOS NATIVOS EM TODO O MUNDO

O crescimento do número de missionários nativos no México e na América Central reflete-se em outras áreas em todo o mundo. Nos últimos dez anos, o número quase triplicou — de 3.850 para 10.608. Quase um terço dos 35.000 missionários de tempo integral que estão atualmente servindo não são dos Estados Unidos — são de setenta e um países e seis territórios.

Além disso, o número de Centros de Treinamento de Missionários cresceu. Nos últimos dez anos, o numero aumentou de um (em Provo, Utah) para quatorze. Agora também há CTMs na Argentina, Brasil, Chile, Inglaterra, Guatemala, Japão, Coréia, México, Nova Zelândia, Peru, Filipinas, Samoa e Tonga. Todos esses centros estão localizados perto de templos, tornando possível aos missionários de áreas distantes receberem tanto o treinamento missionário como as bênçãos do templo na sua própria área, antes de iniciarem o trabalho de proselitismo.

Ambos de San José, Costa Rica, élder Enrique Hernandez e élder Carlos Reyes encontraram-se a caminho do Centro de Treinamento Missionário da Cidade da Guatemala, um dos muitos centros em todo o mundo.

SEDE VÓS POIS PERFEITOS

Objetivo: Incentivar as irmãs a buscarem a perfeição.

Cristo ordenou a seus discípulos que fossem perfeitos, assim como ele e o Pai são perfeitos. (Vide Mateus 5:48; 3 Néfi 12:48.) Esse mandamento porém, pode parecer difícil demais. Alguns membros da Igreja ficam desanimados. Outros se tornam tão preocupados em atingir a perfeição pessoal, que buscam sua própria glorificação, ao invés de procurar maneiras de servir aos outros.

Morôni ensinou que devemos " (vir) a Cristo, (ser) perfeitos nele e (negar-nos) a todas as impurezas; . . . e (amar) a Deus com todo o (nosso) poder, mente e força, . . . e por sua graça (poderemos) aperfeiçoar(-nos) em Cristo" (Morôni 10:32).

Se amarmos e servirmos ao Senhor; e guardarmos os seus mandamentos, será possível nos tornarmos "perfeitos em Cristo". Sentiremos paz e força, mesmo em tempos de dificuldade e sofrimento. Nossos fardos serão mais fáceis de carregar, e poderemos ajudar melhor as outras pessoas a levarem os seus fardos também. (Vide Gálatas 6:2; Mosiah 18:8–10, 24:14–15, 21; Alma 33:23.)

Podemos encontrar conforto em nosso esforço para nos tornarmos perfeitos no exemplo do Profeta Joseph Smith. O Senhor, certa vez, o aconselhou: "Não vás mais depressa nem trabalhes mais do que te permitam as tuas forças e os meios" (D&C 10:4). Como aconteceu com Joseph, não se requer que façamos mais do que as nossas forças e meios o permitirem. Nem temos de nos tornar perfeitos em todas as coisas, de imediato. "Temos de nos tornar perfeitos para sermos salvos no reino celestial", disse o Élder Bruce R. McConkie. "Mas ninguém se torna perfeito nesta vida. Apenas o Senhor Jesus atingiu esse estágio, e tinha uma vantagem que nenhum de nós tem. Ele era o Filho de Deus . . . Tornar-se perfeito em Cristo é um processo." (*1976 Devotional Speeches of the Year*, Provo: Brigham Young University Press, 1977, pp. 399–400.)

Várias pessoas de uma certa ala aprenderam sobre esse processo, ao aceitarem o desafio de seu bispo para viverem um "dia perfeito". Certo jovem descobriu que começar o dia com a leitura das escrituras ajudava a tornar seu dia mais alegre. (Vide *A Liahona*, abril de 1989.)

Atingimos a perfeição aos poucos, com a ajuda do Senhor. "Começamos a guardar os mandamentos hoje", disse o Élder McConkie, "e guardamo-los mais amanhã, e vamos de graça em graça, subindo os degraus da escada; assim, melhoramos e aperfeiçoamos nossa alma." (*1976 Devotional Speeches of the Year*, p.400.) Este é o nosso desafio: começar hoje. □

Sugestões para as Professoras Visitantes

1. Leia 2 Néfi 31:19–20 e debata o que essa escritura ensina a respeito do processo de nos tornarmos perfeitas.

2. Relate, através de um exemplo, como aprendeu a viver um mandamento de maneira mais perfeita, e convide a irmã que está visitando a relatar uma experiência semelhante.

(Vide materiais correlatos no Livro de Recursos para a Noite Familiar, pp. 7–19, e 48–63.)

NOVAMENTE CAMPEÃ

Akendra Kasl Phair

A multidão pareceu acalmar-se de repente, voltando sua atenção para a quadra do ginásio. Todos pareciam estar observando a mesma jovem — aquela que antes havia atraído a atenção deles na competição de trave de equilíbrio. Desta vez, ela estava girando nas barras assimétricas.

Diane Ellingson era uma jovem de quinze anos, de aparência típica, com o corpo esbelto, o cabelo loiro num rabo de cavalo. Mas a multidão parecia sentir, que havia algo mais nela, do que a esplêndida aparência.

Talvez eles a tenham notado por causa da maneira confiante como executava suas piruetas no exercício de solo. Poderiam ter sido as flexões e voltas que ela executou, quando se movia nas barras assimétricas. Poderiam ter sido seus saltos sem esforço sobre o cavalo mas, acima de tudo isso, era provavelmente o amor genuíno dela pela multidão. Eles podiam senti-lo, quando ela os olhava com um sorriso de vitória no final de uma exibição perfeita.

Naturalmente, mesmo quando sua exibição não era tão perfeita assim, ainda havia alguma coisa naquele sorriso. Mesmo quando ela escorregava e caía com o rosto no chão depois de um exercício, ou estava sendo filmada em cadeia nacional de televisão, ela sorria e acenava para a multidão até que a aplaudissem. Em uma competição, no dia em que completava dezoito anos, ela contou aos juízes que era seu aniversário, para que eles pedissem à multidão que cantasse "Parabéns a Você" para ela. —Eu não fiquei encabulada— diz Diane. —Eu teria deixado que eles cantassem duas vezes, só pela atenção que recebi.

Mesmo quando criança, Diane gostava de ter público. Certa vez, quando tinha nove ou dez anos de idade, ela não voltou da escola para casa quando devia, e assim, seu pai foi procurá-la. Ele a encontrou no meio de uma roda de crianças, entretendo-as com seus saltos só para divertir-se.

A irmã de Diane, Marie, ri ao lembrar-se de Diane quando era criança. "Se você vir as fotografias de nossa família, ela está sempre em destaque na frente. Ela simplesmente era uma pessoa que gostava de chamar a atenção. Nosso pai estava fotografando uma outra pessoa, e Diane de alguma forma aparecia na foto.

O desejo de aparecer encaixa-se perfeitamente na ginástica, outra das paixões eternas de Diane. Foi difícil convencer os pais de que a ginástica era uma coisa boa para ela, e para isso, ela teve de fazer certos sacrifícios.

—Nossa família tinha sete filhos, e não podíamos pagar para que Diane tivesse suas aulas. Ela mesma foi ao ginásio e disse ao treinador que faria qualquer coisa para eles. Assim, depois das sessões de treinamento, ela limpava o ginásio — passava aspirador nos carpetes, limpava os banheiros, o que quer que fosse, para pagar suas aulas— diz Marie.

O amor de Diane ao brilho das luzes logo foi

igualado por sua habilidade na ginástica, e os dois fizeram uma combinação digna de uma campeã. Ela começou a treinar quando tinha quatorze anos e meio, um começo tardio pelos padrões de competição, mas um ano depois, ela estava competindo com as melhores do país. Ela foi a Campeã Olímpica Nacional Júnior quando estava na escola secundária e, na universidade, levou a equipe de ginástica feminina da Universidade de Utah à sua primeira vitória nacional.

Quando não foi mais possível competir pela universidade, ela decidiu fazer uma excursão profissional pelo país. Diane sabia que sua carreira na ginástica estava praticamente encerrada, mas ela simplesmente queria reter a emoção das luzes e o prazer do esporte tanto quanto pudesse.

Durante o treino para a excursão, Diane estava praticando um salto que já dera centenas de vezes. Ela correu em direção à trave como havia feito sempre. Pulou da prancha como todas as outras vezes e pulou sobre o cavalo —exatamente como das outras vezes. Mas, desta vez, foi diferente. Desta vez, ela virou o corpo só um pouquinho mais do que devia; e ao chegar ao chão, quebrou o pescoço. O acidente deixou-a no hospital durante quase seis meses, e em uma cadeira de rodas para o resto da vida.

Isso foi em 15 de dezembro de 1981. Diane passou o Natal e os cinco meses seguintes no hospital, tentando imaginar sua vida sem a ginástica. Depois de tantos anos de amor ao esporte, era difícil para Diane adaptar-se.

—Eu não gostava de ficar no hospital, e sentia-me como se estivesse em uma prisão— diz Diane. Durante um mês dos cinco que passou no hospital,

ela esteve em tração e não podia mexer-se de maneira nenhuma, a não ser quando as enfermeiras vinham e a moviam alguns centímetros a cada duas horas. Diane não fazia idéia de que ficaria no hospital por tanto tempo. —Na verdade, quando me machuquei, tinha certeza de que, em um mês, eu estaria de volta para minha excursão. Eu pensava: "Se tiver fé suficiente, e acreditar em Deus e em mim mesma, vou estar bem." E eu simplesmente sabia disso.

No entanto, a recuperação não foi assim tão fácil, e as coisas pareciam piorar. —Eu era uma paciente insuportável— diz Diane. —No hospital, eu estava realmente péssima, inquieta demais. Eu era realmente, impaciente com as pessoas.— Finalmente, Diane chegou ao momento decisivo.

—Certo dia, estava profundamente desesperada. Eu simplesmente sentia que não poderia suportar mais— diz Diane. Ela pediu uma bênção do sacerdócio, pois sabia que o poder para curá-la estava presente —mas eu só queria que isso acontecesse, se fosse da vontade do Pai Celestial. Recebi essa bênção e senti a maior paz. Era como se, não importava o que acontecesse, tudo estivesse bem. Se eu não saísse do hospital andando, haveria uma razão para isso. Eu sabia que sempre dera o melhor de mim para viver o evangelho e feito o que deveria fazer, e, assim, se alguém era digno de receber aquela bênção, eu o era. E daquele ponto em diante, eu era uma pessoa diferente, totalmente confortada.

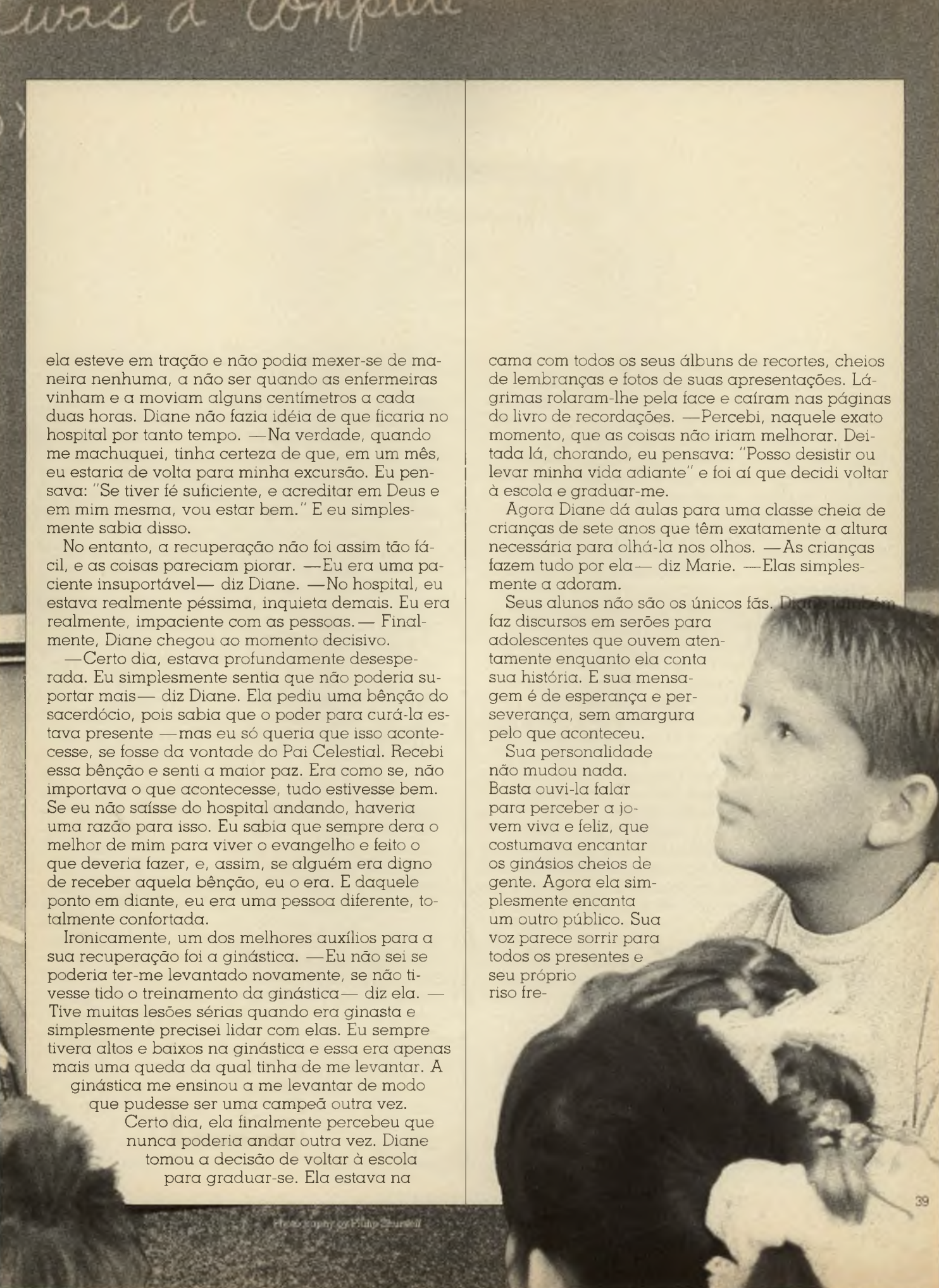
Ironicamente, um dos melhores auxílios para a sua recuperação foi a ginástica. —Eu não sei se poderia ter-me levantado novamente, se não tivesse tido o treinamento da ginástica— diz ela. —Tive muitas lesões sérias quando era ginasta e simplesmente precisei lidar com elas. Eu sempre tivera altos e baixos na ginástica e essa era apenas mais uma queda da qual tinha de me levantar. A ginástica me ensinou a me levantar de modo que pudesse ser uma campeã outra vez.

Certo dia, ela finalmente percebeu que nunca poderia andar outra vez. Diane tomou a decisão de voltar à escola para graduar-se. Ela estava na cama com todos os seus álbuns de recortes, cheios de lembranças e fotos de suas apresentações. Lágrimas rolaram-lhe pela face e caíram nas páginas do livro de recordações. —Percebi, naquele exato momento, que as coisas não iriam melhorar. Deitada lá, chorando, eu pensava: "Posso desistir ou levar minha vida adiante" e foi aí que decidi voltar à escola e graduar-me.

Agora Diane dá aulas para uma classe cheia de crianças de sete anos que têm exatamente a altura necessária para olhá-la nos olhos. —As crianças fazem tudo por ela— diz Marie. —Elas simplesmente a adoram.

Seus alunos não são os únicos fãs. Diane também faz discursos em serões para adolescentes que ouvem atentamente enquanto ela conta sua história. E sua mensagem é de esperança e perseverança, sem amargura pelo que aconteceu.

Sua personalidade não mudou nada. Basta ouvi-la falar para perceber a jovem viva e feliz, que costumava encantar os ginásios cheios de gente. Agora ela simplesmente encanta um outro público. Sua voz parece sorrir para todos os presentes e seu próprio riso fre-



qüentemente interrompe suas histórias.

—Acho que contar minhas histórias referentes à ginastica e partilhar minhas experiências abre um canal de comunicação entre nós. Eles logo esquecem que estou em uma cadeira de rodas. Quando isso acontece, os jovens podem ver que sou simplesmente uma pessoa comum, embora, em uma cadeira de rodas, eu pareça muito diferente deles— diz Diane.

Sua mensagem principal é dirigida para campeões em potencial: não desistam, não importa o que aconteça. —Quando era uma jovem ginasta, conheci uma jovem, uma atleta chamada Nancy Thies. Nancy era integrante da equipe olímpica dos EUA e uma das melhores ginastas do país. Nunca esqueci algumas coisas muito importantes que Nancy me ensinou. Lembro-me de que a primeira coisa que ela disse foi: —Não tenha medo de perder.— Ela disse: —Se você cair e ficar no chão, será uma covarde e perdedora e nunca vencerá. Mas, se você se levantar e tentar mais uma vez, será a sua vez de ser a campeã; portanto, não desista.— Diane diz que prometeu a si mesma que se lembraria desse conselho e nunca desistiria, não importa quantas vezes caísse.

Ao enfrentar a queda mais dura de sua vida, não desistir foi difícil, especialmente por causa da cadeira de rodas. Durante todo o tempo em que foi ginasta, quer estivesse balançando no alto das barras paralelas, ou apenas fazendo paradas de mão para divertir-se, seu único medo era ficar cega ou paralítica. —Eu sentia uma inquietação tão grande em relação a cadeiras de rodas, que nunca falava com ninguém que estivesse em uma cadeira de rodas, nem me aproximava delas. Eu evitava as pessoas que estivessem nessa situação. Eu tinha medo de acabar em uma cadeira de rodas, se chegasse muito perto de uma. Era quase como se o fato de ter pensado tanto nisso, de alguma forma me preparasse para uma cadeira de rodas— diz ela.

Foi, provavelmente, o espírito indomável de Diane que a preparou mais do que qualquer outra coisa. É o espírito que está presente tanto nas suas histórias engraçadas, como no testemunho poderosamente sereno, sobre a importância de uma perspectiva eterna e do amor de Deus a seus filhos. É o espírito que Diane sempre teve. —Jamais conheci alguém, com exceção de meu pai, que tenha um testemunho mais forte que ela— diz Marie. —Não há dúvida em sua mente de que o que ela está fazendo é certo, e de que a Igreja é verdadeira. Ela tem sido sempre um grande exemplo.

As luzes se apagam na sala, quando ela termina sua mensagem, e uma série de diapositivos mostrando Diane, a pessoa divertida e ginasta, aparece na tela, ao compasso de uma música rápida e moderna. Quando a apresentação termina, os jovens a rodeiam animadamente.

Diane diz: —Faz-me sentir muito bem quando as pessoas me dizem que vão-se esforçar mais, depois de me ouvirem falar. Uma jovem aproximou-se de mim certa vez e me contou que me ouvira falar em quatro ocasiões diferentes. Na primeira vez, decidiu não suicidar-se. Na segunda vez, decidiu que não tinha de abondonar os estudos. Na terceira vez, fez a meta de tornar-se uma das melhores alunas de sua classe, e na última vez, estava quase atingindo essa meta.

Diane apenas encolhe os ombros e ri um pouco, quando alguém diz que ela é maravilhosa. Ela parece até mesmo um pouco desconcertada, o que é raro nesta ginasta experiente. —As pessoas sempre pensam: "você é tão surpreendente, tão incrível", mas eu não sou. As pessoas dizem: "se isso tivesse acontecido comigo, eu jamais enfrentaria a situação", e o que eu tenho a dizer é: —Ou você enfrenta a situação, ou morre. Você tem de aceitar o que quer que a vida lhe traga, e enfrentar isso, mesmo que não queira fazê-lo. Se alguém da sua família morrer, você tem de conviver com essa realidade. Se você quebra o pescoço, tem de conviver com isso, mas você aprende muito, e é isso que é tão grandioso a respeito do tempo e do processo de cura. Você não precisa ser milagroso.

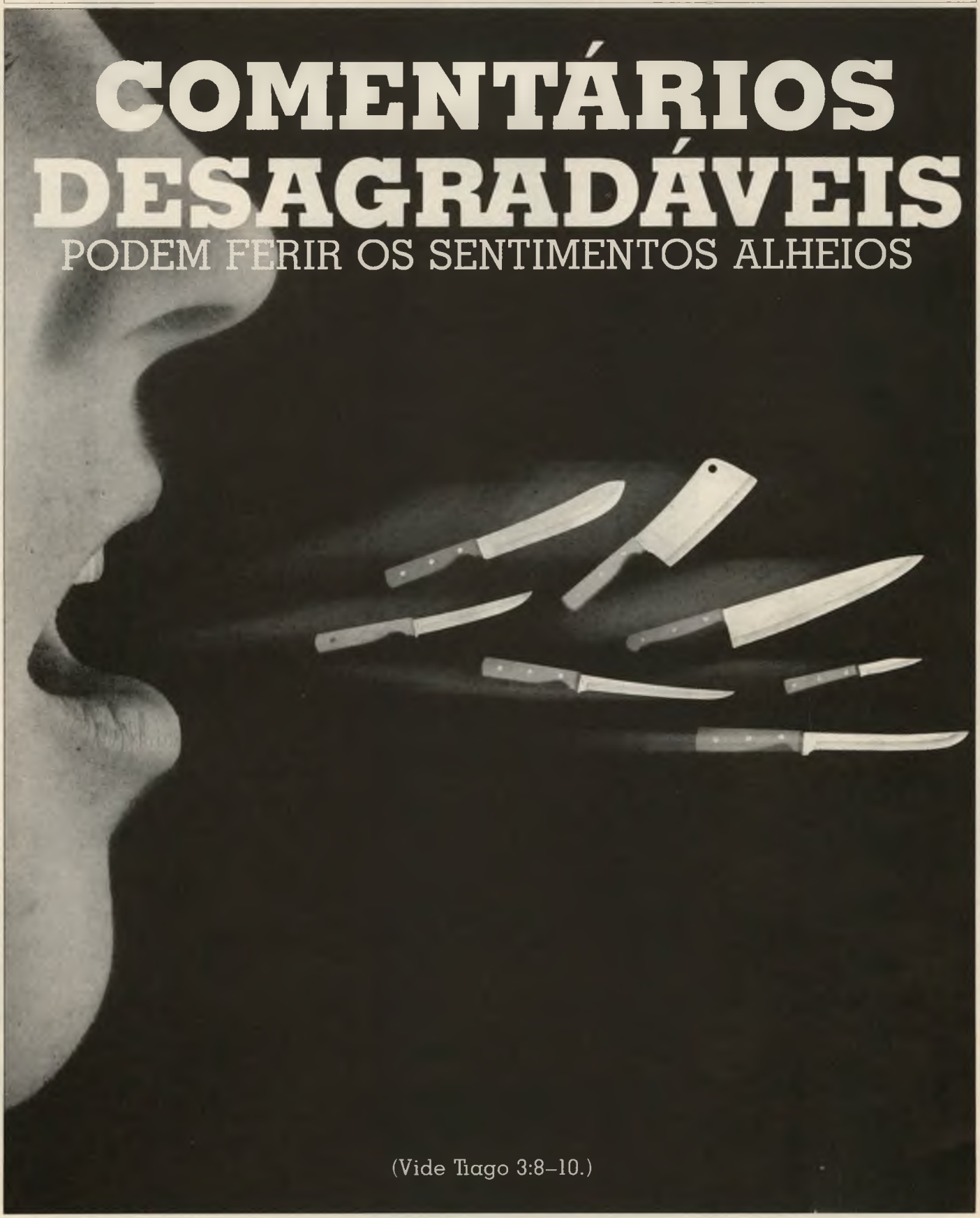
Você apenas tem de ter o mesmo desejo de Diane, de levantar-se novamente, de modo que algum dia seja a sua vez de ser campeão. Para Diane, a vitória é particularmente doce, porque ela ganhou novamente o que pensou ter perdido.

Ela é uma campeã novamente. □

Diane pode, com freqüência, ser encontrada contando sua história para grupos de adolescentes interessados. Sua mensagem é de esperança e perseverança, sem amargura pelo que aconteceu. — Não desistam, aconteça o que acontecer — diz ela.

COMENTÁRIOS DESAGRADÁVEIS

PODEM FERIR OS SENTIMENTOS ALHEIOS



(Vide Tiago 3:8–10.)

MENSAGENS SOBRE LIDERANÇA

"Erguei-vos e brilhai" (D&C 115:5) e sede uma luz para o mundo, um exemplo para os outros.
Presidente Ezra Taft Benson.

"Compreendo agora, de maneira ampla, por que os profetas têm dito que o Senhor reservou para estes últimos dias alguns de seus escolhidos filhos e filhas espirituais. Ele precisa de vocês. Vocês são muito, muito necessários para a edificação de seu reino. E o reino . . . irá expandir-se e mover-se para novos horizontes . . . na proporção direta de quão bem estarão preparados para assumir suas designações de liderança do Reino de Deus a alturas cada vez maiores."
Élder M. Russel Ballard.

"Jesus sabia quem era e por que estava aqui neste planeta. Isso significava que ele poderia liderar com força, não com incerteza nem fraqueza."
Presidente Spencer W. Kimball.

"(O Senhor) não tem hesitado em chamar líderes jovens para seus propósitos eternos, em ajudá-los na sua preparação, e em enviá-los para seus novos chamados." Ruth H. Funk, ex-presidente geral das Moças.

"Vós sois a luz do mundo: não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa" (Mateus 5:14–15).

"Por causa dos grandes princípios de integridade e trabalho ensinados pela Igreja, . . . os líderes dos jovens estão em condições de desenvolver uma geração de jovens que atrairão a admiração do mundo." Élder Vaughn J. Featherstone.

"Foi dito que a obediência não é a característica de um escravo; é uma das qualidades primordiais de liderança." Presidente N. Eldon Tanner.

"Você não pode elevar outra alma, se não estiver num nível mais alto do que ela . . . Você não pode acender uma chama em outra alma, a não ser que ela esteja ardendo na sua própria."
Presidente Harold B. Lee.

"Um líder não pode pedir aos outros que façam o que ele não está disposto a fazer . . . Aqueles que lideram a Igreja devem estabelecer o exemplo de retidão pessoal."
Élder James E. Faust.

Élder Russel C. Taylor Do Primeiro Quorum dos Setenta

ONDE EU ESTARIA SEM A IGREJA?

Welden Andersen

Quando eu servia como membro da Presidência de Área da Europa, estava na Irlanda para uma viagem pela missão e conferência de distrito. Naquela conferência, o Presidente John O'Farrell, primeiro conselheiro da presidência da Missão Irlanda Dublin, fez uma pergunta interessante:

—Onde eu estaria sem a Igreja?

Ele perguntou à congregação: — Onde vocês

estariam sem o evangelho em sua vida?— Ele propôs que —aqui na Irlanda, sem o evangelho, provavelmente estaríamos lá no bar perto daqui, tomando cerveja, e contando histórias impróprias.

Cada um de nós poderia muito bem fazer aquela pergunta: "Onde eu estaria sem a Igreja?"

Que bênção é ter o evangelho em nossa vida e desfrutar de seu poder de salvação!

Meus queridos jovens amigos, permitam que eu compartilhe com vocês a experiência de outras pessoas e o testemunho pessoal de minha convicção de que o evangelho tem o poder de mudar vidas. As escrituras estão cheias de histórias de homens e mulheres cujas vidas foram modificadas pela sua influência.

Pensem em Mateus, um conhecido coletor de impostos que seguiu o Salvador. Onde ele estaria, se não houvesse conhecido o Mestre e continuasse a buscar a riqueza terrena, ao invés da celestial? (Vide Mateus 9:9.)

Pensem em Saulo, o fabricante de tendas de Tarso, e seu confronto drámatico com Deus, naquele dia decisivo perto de Damasco. Ele segurou as vestes daqueles que martirizaram Estêvão, e foi "respirando ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor" (Atos 9:1). Onde Saulo estaria, — o que se teria tornado — se o Senhor não se tivesse encarregado de transformar ódio e raiva em desejo e dedicação?

Pedro e André, Tiago e João atenderam ao chamado para deixar suas redes e transformar-se em "pescadores de homens". (Vide Mateus 4:18–22.) Não foi fácil para eles, não foi conveniente — raramente é, em termos puramente mundanos — mas o chamado do Salvador foi atendido, e eles nunca mais foram os mesmos.

E hoje? Ainda existem histórias assim? Definitivamente, sim!

Permitam-me transportá-los para Huddlesfield, Inglaterra, a fim de ouvirmos o testemunho pessoal de uma doce irmã chamada Mina Kreslins. Ela nasceu em Amsterdam, Holanda, na religião judaica. Ela havia perdido os irmãos e irmãs durante a ocupação daquele país na época da guerra.

No testemunho da sua conversão ela diz: —Eu era amarga, e, embora orasse, simplesmente não conseguia perdoar.

Então, no início de outubro de 1983, sua filha Karla entrou em contato com os missionários. Karla ficou interessada no evangelho e foi convertida. Ela convidou a mãe, Mina Kreslins, para assistir ao batismo.

> Agradeça ao Senhor diariamente por ser membro de sua Igreja, e poder dirigir-se a um Pai amoroso em orações diárias, obtendo diretrizes e inspiração para as decisões de sua vida.

—Foi no batismo de Karla que senti o Espírito. Foi tão forte! Eu nunca sentira nada tão lindo em toda a minha vida. Sentia-me tão exultante e tão maravilhada, e queria fazer parte dele. Os missionários começaram a ensinar a irmã Kreslins, e o Espírito prestou testemunho a ela daquilo que eles diziam. —Quando eles me falaram sobre Joseph Smith e a restauração, senti o Espírito muito forte, da cabeça aos pés. Eu soube aí, de todo o meu coração, que a Igreja era verdadeira e que eu tinha de fazer parte dela.

—Meu batismo foi lindo. Palavras não podem descrever o que senti ao sair da água. Achava-me tão limpa — quase santificada. Quando recebi o Espírito Santo, senti-me muito bem. Queria gritar de alegria. Finalmente, havia descanso e alívio dos horrores e do ódio daqueles anos marcados pela guerra.

—Agora, desde que me tornei membro desta Igreja maravilhosa, perdoei e não tenho mais amargura no coração.

Onde Mina Kreslins estaria hoje sem a Igreja?

Fiz essa séria pergunta a mim mesmo: "Onde estaria sem o evangelho?"

Foi o testemunho do evangelho que me ajudou a dizer não a meus amigos da Marinha, quando che-

gou nossa primeira folga enquanto eu estava no campo de treinamento, no início de 1944. Meus companheiros da Marinha convidaram-me para participar de suas atividades mundanas; para provar que eu era "homem", deveria deixar-me tatuar e depois ir atrás de bebida e mulheres.

Eu era o único SUD naquele grupo e, realmente, senti-me um pouco solitário, quando os deixei e fui sozinho para o centro de recreação dos recrutas e depois a um cinema. No dia seguinte, as reuniões da Igreja e os amigos da Igreja fortaleceram e confortaram um solitário rapaz mórmon de Provo, Utah.

Ter voltado do serviço militar durante a Segunda Guerra Mundial e ainda levar uma vida virtuosa me têm trazido recompensas eternas.

O poder de Satanás está crescendo. Podemos senti-lo à nossa volta nos livros, nas revistas, nos filmes e na televisão. Só podemos resistir a esse mal vestindo toda a armadura de Deus. (Vide Efésios 6:13–17.) Vistam a armadura espiritual de Deus, pois ela protegerá todos os que a usam contra as armas mortais do mal e da iniqüidade.

Sem o evangelho, não teríamos à nossa disposição toda a armadura de Deus, que é um escudo de fé e, na verdade, um escudo de retidão.

Vós, em vossa juventude, podeis ter as bênçãos decorrentes de uma vida reta. Vós não tendes de esperar até ficarem velhos. Há muito que vós podeis fazer para edificar o reino — muito, na verdade, que um sacerdote ou uma Laurel, um mestre ou uma Menina Moça, ou um diácono ou uma Abelhinha podem fazer. Lembrai-vos de que foi por intermédio de Joseph Smith, então com quinze anos, que a luz do evangelho foi trazida de volta a este mundo.

Apenas Satanás faria com que vós subestimasseis seu valor. Aqueles que seguem verdadeiramente a Deus, conhecem bem o valor das almas (vide D&C 18:10).

Aprendamos bem nossas lições de modo que possamos ser servos úteis. Aproveitai totalmente as oportunidades educacionais que o mundo oferece, mas complementai—as com a força espiritual das aulas do seminário. O processo é buscar e depois servir, aprender e depois viver.

Testifico a vós que o evangelho pode mudar vidas, e que temos um Pai Celestial amoroso e preocupado, que conhece cada um de nós, nossas esperanças e desejos, nossos pontos fortes e fraquezas. □

O CASACO VERMELHO

Viva May Gammel Willcox

"Afinal por que fui ouvir aqueles missionários mórmons?", pensou Johanna Anderson, quando o barco balançou bruscamente sob seus pés. Fora uma viagem difícil, e aquele dia estava particularmente agitado. Quase todos que ela conhecia no barco estavam doentes, e sua fé começou a vacilar, enquanto pensava: "Por que esta viagem tem de ser tão longa e difícil?"

Ela poderia, nesse exato momento, estar em casa na sua amada Suécia, com seus pais carinhosos. Eles haviam sido convertidos por missionários SUD no início do século dezenove, e era seu maior desejo enviar a família para o Vale do Lago Salgado. Quando o filho mais velho, Neils, juntou dinheiro suficiente a fim de comprar as passagens para a América do Norte para ele e sua esposa, os pais dele decidiram que seria uma oportunidade maravilhosa de mandar com eles Johanna, de quatorze anos.

Johanna lembrava o cuidado com que sua mãe arrumara o baú, e do pacote surpresa que escondera no fundo dele. —Johanna—, dissera-lhe a mãe, —quando você estiver longe de casa, quando sua fé em Deus diminuir, ou quando você precisar de ajuda, abra o pacote que está no fundo do seu baú. Ele lhe animará o espírito e dará fé para você prosseguir até Utah.

Bem, Johanna se achava mesmo bem desanimada àquela altura. Eles não só estavam sofrendo por causa de tempestades violentas, como

também a água potável para a jornada de três meses havia-se deteriorado. Muitos passageiros estavam terrivelmente doentes, e alguns até mesmo haviam morrido e sido jogados ao mar. Talvez agora fosse o momento de abrir o pacote que sua mãe enviara.

Ela foi até o local onde a bagagem estava guardada no navio e achou seu baú. Abriu-o e procurou o pacote especial lá dentro. Seus olhos encheram-se de lágrimas, quando viu o que ele continha. Era o casaco vermelho mais bonito que ela já vira. Sua mãe devia ter passado horas fazendo-o para ela. Vestiu-o, sentindo a sua maciez, e até dançou de contentamento.

Ela não se sentia tão feliz há muito tempo. Queria mostrar seu lindo casaco para todos os outros passageiros do navio, mas pensou duas vezes. Esse era seu segredo. Seu casaco vermelho era para ser usado em Utah. Ela poderia usá-lo novamente quando chegasse na nova terra. Com cuidado colocou novamente o casaco no baú.

Saber de seu lindo segredo deu-lhe coragem para o resto da viagem. Quando ninguém mais parecia conseguir comer, Johanna sentia-se faminta. Ela tornara-se especialmente amiga do cozinheiro do navio, e ele preparava panquecas suecas das quais ela gostava. Ele colocava a grande tigela no colo dela, enquanto acrescentava os ingredientes.

Finalmente, depois de três meses, o navio chegou à América. Levou mais três meses para que os Anderson viajassem até St. Louis, Missouri. Eles haviam comprado um carroção, juntas de bois e suprimentos para a longa jornada através das planícies.

Enquanto Neils e sua esposa levavam a junta, Johanna andava. Ela era jovem e forte e amava o deserto, com seus pássaros e animais. Todos os dias ela via alguma coisa nova que a surpreendia e emocionava. Às vezes, percebia índios amistosos à distância. E sempre, enquanto andava, pensava no segredo escondido em seu baú — o casaco vermelho macio e bonito — e em como iria usá-lo, quando chegasse a seu novo lar em Utah.

Mas, sem que a companhia de pioneiros com os quais ela viajava percebesse, índios hostis os estavam seguindo. Johanna sentiu que as coisas não estavam bem e ficou um pouco amedrontada. Fi-

A mãe de Johanna enviara o belo casaco para livrar a filha da depressão, mas ele acabou salvando a vida de todo aquele grupo pioneiro.

nalmente, quando caiu a noite, o capitão da companhia juntou os carroções, formando um círculo estreito. O gado e as juntas de bois foram levados para o centro, e não houve fogueira, nem música, nem dança como nas outras noites. Os santos foram instruídos a irem para a cama e a ficarem quietos.

Johanna, exausta pela longa caminhada, caiu em um sono profundo. Mas, bem ao nascer do dia, ela foi acordada por vozes e pelo barulho de cascos de cavalos. Sua cunhada fez sinal para que ela ficasse quieta. Neils não estava na cama.

As vozes ficaram mais altas e mais próximas, e Johanna notou que a língua era diferente. As pessoas da companhia estavam falando com os índios.

Ela podia ouvir os homens movendo-se ao lado do carroção. Seu baú achava-se na parte de trás do carroção, e ela sabia que estava sendo aberto. Ela ouviu Neils conversando com os índios.

De repente, as vozes pararam, os homens desceram do carroção, e ela pôde ouvir os índios afastando-se.

Neils voltou e levou Johanna até a frente do carroção. Ele disse à irmã: —Johanna, fique aqui. Não olhe para trás nem vá até a parte de trás de nosso carroção. Tenha fé no Senhor e ele cuidará de todos nós.

A tentação foi grande demais para Johanna, e ela virou-se a fim de olhar para os índios que se afastavam, em fila única e montando seus pôneis em pêlo. Comandando os guerreiros, estava o Chefe Andarilho, gritando, berrando e cavalgando a toda velocidade. Em volta dos ombros, ele usava o seu lindo casaco vermelho.

Neils pegou a irmã nos braços. —Johanna, seu casaco salvou sua vida — não apenas a sua, mas a vida de todos os de nossa companhia. A cor vermelha brilhante chamou a atenção do chefe. Quando ele viu seu casaco, ficou satisfeito e então nos deixou a todos são e salvos.

Os Anderson logo chegaram à Cidade do Lago Salgado, e Johanna veio a casar-se com James Hansen, um converso dinamarquês. Eles tiveram dez filhos, e seus descendentes ainda hoje contam a história do casaco vermelho dela para os filhos. □

Viva May Gammell Willcox é bisneta de Johanna Anderson.